INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Estatísticas da Produção e Consumo de Leite

2015

Edição 2016

Estatísticas oficiais

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Estatísticas da Produção e Consumo de Leite

2015

Edição 2016

[FICHA TÉCNICA]

Título | Estatísticas da Produção e Consumo de Leite 2015

Editor | Instituto Nacional de Estatística, I. P.
Av. António José de Almeida
1000-043 Lisboa
Portugal
Telefone: 21 842 61 00 | Fax: 21 845 40 84

Presidente do Conselho Diretivo | Alda de Caetano Carvalho

Design e Composição | Instituto Nacional de Estatística, I. P.

ISBN | 978-989-25-0389-9

Periodicidade | Monografia

Apoio | a clientes
808 201 808
(rede fixa nacional)
+ 351 218 440 695 (outras redes)

O INE, I. P. na Internet | **www.ine.pt**

© INE, I. P., Lisboa · Portugal, 2016
A reprodução de quaisquer páginas desta obra é autorizada, exceto para fins comerciais, desde que mencionando o INE, I. P., como autor, o título da obra, o ano de edição, e a referência Lisboa-Portugal.

INTRODUÇÃO

Atendendo ao significativo conjunto de dados disponíveis sobre o setor do leite e à extensão das séries temporais e ao facto de a 1 de abril de 2015, 31 anos após ter sido posto em prática, o sistema de quotas leiteiras ter sido abolido, nesta publicação apresenta-se e sistematiza-se informação relevante sobre este importante setor agrícola.

A informação publicada abrange aspetos relativos à estrutura das explorações agrícolas, ao efetivo bovino leiteiro, à produção e recolha de leite de vaca, aos preços, às transações comerciais efetuadas.

Espera-se que esta publicação constitua uma referência para o melhor conhecimento deste setor da agricultura portuguesa e possa contribuir para a promoção do debate e reflexão, particularmente oportuna quando, na sequência do fim do regime de quotas leiteiras, a UE está a implementar medidas com o objetivo de controlar o excesso de produção (prorrogação do regime de intervenção pública para o leite magro desnatado e manteiga) e a promover a sua redução (pacote de 150 milhões de euros para a UE27), a que se associam ajudas para ajustamento condicional à atividade (pacote de 350 milhões de euros para a UE27).

Críticas e sugestões, tendo em vista a melhoria contínua da qualidade das estatísticas agrícolas, são bem-vindas.

INTRODUCTION

Considering the wide set of data available on milk sector as well as the time series for some of the contents and the fact that at 2015 April 1st, 31 years after being put into practice, the milk quota system was abolished, Statistics Portugal decided to compile and provide a specific publication with all the information available on this important agricultural sector.

Published information covers data on farm structure, dairy livestock, cow´s milk production and collection, prices and international trade.

It is expected that this publication could be a reference for a better understanding of this branch of Portuguese agriculture and help to promote discussion and reflection on this subject, particularly convenient when, following the end of the milk quota regime, the EU is implementing measures in order to control excess production (extension of the public intervention scheme for skimmed milk and butter) and to promote their reduction (150 package million for the EU27), which are associated to aid conditional adjustment to the activity (EUR 350 million package for the EU27).

Any comments and suggestions, with a view to continuously improve the quality of agricultural statistics are welcome.

[ÍNDICE]

Pág.

>> Introdução/Introduction 3

>> Sumário Executivo/Executive Summary 7

>> Sinais Convencionais 11

>> Análise de Resultados 13

>> Introdução 15

>> 1. Produção de leite de vaca 17

- 1.1 Produção de leite de vaca em Portugal 17
- 1.2 Produção de Leite de vaca na UE10 19

>> 2. Recolha de leite de vaca 20

- 2.1 Recolha de leite de vaca em Portugal 20
- 2.2 Recolha de leite de vaca na UE28 22

>> 3. Estrutura das explorações agrícolas com bovinos leiteiros 24

- 3.1 Estrutura das explorações agrícolas nacionais com bovinos leiteiros 24
- 3.2 Estrutura das explorações agrícolas com bovinos leiteiros na UE10 30

>> 4. Indústria Nacional de Laticínios 32

- 4.1 Volume de produção 32
- 4.2 Valor de vendas da indústria de laticínios 35
- 4.3 Indústria de laticínios na UE 37

Pág.

>> 5. Grau de autoaprovisionamento e consumo do leite e produtos lácteos 38

>> 6. Comércio Internacional de leite e produtos lácteos 40

- 6.1 Saldo da Balança Comercial de Leite e Produtos Lácteos 40
- 6.2 Trocas comerciais de Leite e Produtos Lácteos por fluxo e produto 41
- 6.3 Trocas comerciais de Leite e Produtos Lácteos por país e produto 45
- 6.4 Trocas comerciais de Leite por Classificação de Atividade Económica 50

>> 7. Empresas de criação de bovinos para a produção de leite e indústrias de leite e derivados 51

- 7.1 Empresas de criação de bovinos para a produção de leite - principais indicadores económicos 51
- 7.2 Indústria e leite e derivados - principais indicadores económicos 56
- 7.3 Estrutura de custos 61

>> 8. Preços e índices de preços 65

>> 9. Informação 2016 68

>> 10. Conceitos 72

SUMÁRIO EXECUTIVO

Durante o período em análise dois fenómenos fundamentais ocorreram: concentração da atividade e um aumento significativo da produção.
Tendo como referencia fundamental o inquérito às estruturas agrícolas eis alguns dos resultados mais relevantes:

Em 25 anos (1989-2013):

Bovinos leiteiros: Estrutura das explorações agrícolas e do efetivo

- Dimensão das explorações agrícolas aumentou mais de 8 vezes, passando de 4 vacas/exploração para 34;
- A representatividade das explorações leiteiras com mais de 20 vacas foi reforçada em quase 50 p.p, passando de 3,2% para 53,1%;
- A exploração leiteira de manadas superiores a 20 cabeças intensificou-se em 60,4 p.p, de 30,6% para 90,9%;
- A produtividade do efetivo leiteiro quase duplicou, atingindo em 2013 as 7 toneladas de leite/vaca, superior à média da UE10.

EXECUTIVE SUMMARY

During the analyzed time period two fundamental events occurred: concentration of the activity and a significant increase in production. Using the farm structure survey as a reference, here are some of the most relevant results:

In 25 years (1989-2013):

Diary cattle: Structure of agricultural holdings and livestock

- Agricultural holdings dimension became 8 times bigger, from 4 cows per holding to 34;
- The weight of dairy holdings with more than 20 cows was reinforced in almost 50 p.p., from 3.2% to 53.1%;
- Dairy herds over 20 cows intensified in 60.4 p.p, from 30.6% to 90.9%;
- Dairy livestock productivity almost doubled, reaching in 2013 a value of 7 tonnes of milk per cow, higher than the EU10 average ratio.

Em 36 anos (1980-2015)

Produção de leite em Portugal

- Portugal mais que duplicou a produção de leite, passando das 970 mil toneladas para 2 milhões de toneladas;
- Portugal alcançou a 3.ª maior taxa de variação anual homóloga da produção em 2014 e atingiu o 6.º maior volume de produção em 2015.

Grau de auto provisionamento e consumo de leite e produtos lácteos

- Portugal foi sempre autossuficiente em leite no período de referência, tendo atingido o grau mais elevado (112,5%) em 2015;
- O mais baixo consumo de leite foi registado em 2015 (71 kg per capita), iniciando-se em 2001 uma tendência de redução do consumo, que se exprimiu por uma taxa média anual negativa de 2,4%;
- A autossuficiência em manteiga foi alcançada em 1985, sendo o país excedentário desde 1991;
- O consumo de manteiga aumentou 3,0% ao ano, atingindo os 2 kg *per capita* em 2015;
- Portugal perdeu a autossuficiência em iogurtes em 1990, sendo atualmente deficitário em 53% (2015);
- O consumo de iogurtes aumentou a um ritmo médio anual de 6,2%, fixando-se em 2015 em 21,5 kg per capita ano;
- O consumo de queijo (11,7 kg per capita ano em 2015) mais que triplicou, evoluindo a um ritmo médio anual de 3,2%.

In 36 years (1980-2015)

Cows milk production in Portugal

- Portugal doubled cow´s milk production, from 970 thousand tones to 2 million tonnes;
- Portugal reached the third biggest annual variation rate of production in 2014 and achieved the sixth highest production volume in 2015.

Self sufficiency degree and diary products consumption

- Along this period, Portugal was always self sufficient in milk for consumption, having reached the highest degree (112.5%) in 2015;
- The lowest consumption rate for liquid milk was registered in 2015 (71 kg per capita), with the reduction in consumption starting in 2001, evolving since then at an average annual rate of -2.4%;
- Self sufficiency in butter was achieved in 1985, with the country in a surplus situation since 1991;
- Butter's consumption increased 3.0% per year, reaching 2 kg *per capita* in 2015;
- Portugal lost its self sufficiency in yoghurts in 1990, having a deficit of 53% (2015);
- Yoghurts consumption increased at an annual average rate of 6.2%, establishing in 2015 at 21.5 kg per capita per year;
- Cheese consumption (11.7 kg per capita per year in 2015) was 3 times bigger, growing at an average annual rate of 3.2%.

Em 36 anos (1980-2015)

Comércio Internacional de leite e produtos lácteos

- Portugal registou por um breve período (1988-1992) um saldo positivo da balança comercial do leite e produtos lácteos. Em 2009 observou-se o maior défice (270 milhões de euros) e em 2015 o saldo foi negativo em 198 milhões de euros;
- A estrutura das importações de leite e produtos lácteos em valor alterou-se, com o leite em pó, o principal produto até à adesão à CEE, a dar lugar ao queijo que se manteve nessa posição até 2000, para depois ser substituído pelos iogurtes até 2013. Em 2014 e 2015, estes dois últimos produtos alternaram posições com o queijo a liderar em 2014 e os iogurtes em 2015;
- O principal valor das exportações alternou nos primeiros quinze anos entre o queijo, o leite em pó e a manteiga. A partir de 1995, a exportação de leite passou a representar o principal valor das exportações nacionais.

Preços e índices de preços

- O rácio de preços IPP/IPAC decresceu a um ritmo médio anual de 3,4% a partir de 1998, refletindo uma progressiva degradação dos preços à produção dos criadores de bovinos leiteiros;
- Esta tendência determinou que este rácio se tenha situado em 2015 em 0,53. Neste contexto, a viabilidade do setor assentou num enorme aumento da produtividade média por animal.

In 36 years (1980-2015)

International trade of milk and dairy products

- For milk and dairy products, Portugal had a positive balance trade for a short period (1988-1992). In 2009 the biggest deficit was registered (270 million Euros) and in 2015 the negative balance was of 198 million Euros;
- Milk and dairy products imports structure in value changed, with milk powder as the main product (till Portugal's entrance in the EU), being replaced by cheese, which held on till 2000 and was after that superseded by yoghurts till 2013. In 2014 and 2015 these two last dairy products switched positions, with cheese leading in 2014 and yoghurts in 2015;
- The main value of exports in the first fifteen years switched between cheese, powder milk and butter. Since 1995, liquid milk represented the main value for national exports.

Prices and prices Index

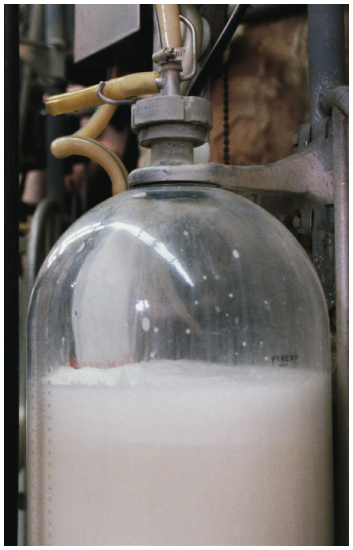
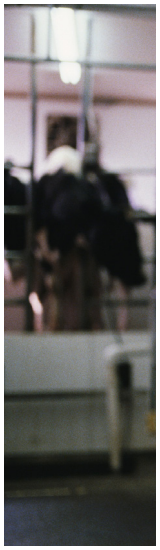
- The ratio between milk production prices index (IPP) and food stuffs prices index (IPAC), IPP/IPAC, decreased 3.4% at an annual average ratio since 1998, reflecting a gradual depreciation of cow's milk production prices for dairy farmers.
- This tendency determined a ratio's value (IPP/IPC) of 0.53 in 2015. In this context, the milk sector viability was based on a significant increase of productivity per cow.

SINAIS CONVENCIONAIS

SINAIS CONVENCIONAIS, SIGLAS E INFORMAÇÃO AOS UTILIZADORES

Siglas:

%	Percentagem
EM	Estados Membros
hab.	Habitante
kg	Quilograma
n.º	Número
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos, Versão de 2002
p. p.	Pontos percentuais
PT	Portugal
t	Tonelada
UE	União Europeia
x	Valor não disponível

ANÁLISE DE RESULTADOS

>> Introdução

Em 2 de abril de 1984, após anos de acumulação de excedentes de leite e produtos lácteos e a respetiva pressão sobre os meios orçamentais europeus, a Política Agrícola Comum (PAC) introduziu o sistema de quotas leiteiras na então Comunidade Económica Europeia (CEE). Até essa data, os produtores de leite da UE tinham um preço garantido (consideravelmente maior que o praticado nos mercados mundiais), independentemente da procura do mercado.

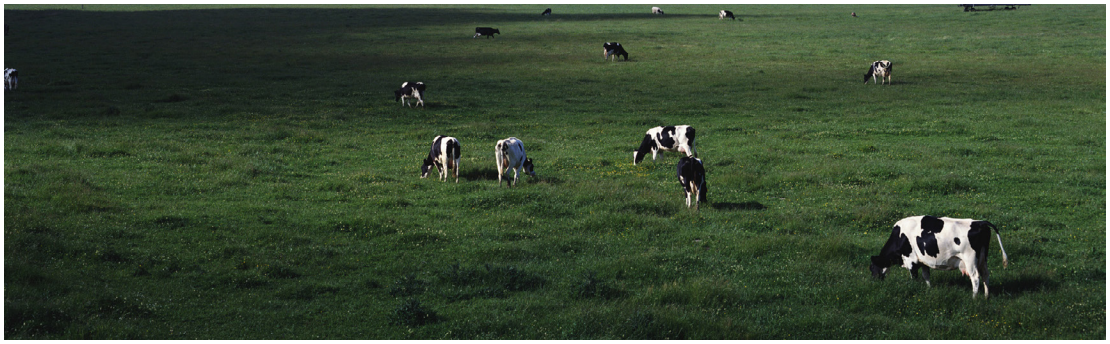
A partir de 1984, cada Estado Membro (EM) tinha dois tipos de quotas atribuídas: uma para a quantidade máxima de leite entregue nos centros de recolha e outra que limitava as vendas diretas ao nível da exploração.

Figura 1 >> Quotas leiteiras na UE

	Entregas de leite de vaca			Vendas diretas		
	Realizadas	Quotas	Taxa de uso da quota	Realizadas	Quotas	Taxa de uso da quota
	1 000 t		%	1 000 t		%
1993	105 879	107 110	98,9	1 309	1 936	67,6
1994	106 978	107 605	99,4	1 216	1 441	84,4
1995	116 511	115 644	100,7	1 289	1 807	71,4
1996	116 706	115 843	100,7	1 234	1 650	74,8
1997	116 946	115 901	100,9	1 178	1 595	73,9
1998	116 897	115 970	100,8	1 116	1 533	72,8
1999	117 225	116 281	100,8	1 059	1 296	81,7
2000	117 165	117 141	100,0	1 091	1 321	82,6
2001	118 175	117 698	100,4	1 078	1 252	86,2
2002	118 224	117 740	100,4	1 091	1 226	88,9
2003	118 314	117 793	100,4	1 040	1 174	88,6
2004 (a)	125 328	125 940	99,5	1 217	1 951	62,4
2005 (b)	135 138	135 661	99,6	1 369	1 753	78,1
2006 (b)	134 925	136 845	98,6	1 359	1 699	80,0
2007 (c)	137 425	139 626	98,4	2 825	3 435	82,3
2008 (c)	137 605	142 987	96,2	2 663	3 426	77,7
2009 (c)	134 641	144 780	93,0	2 474	3 536	70,0
2010 (c)	137 999	146 076	94,5	2 369	3 611	65,6
2011 (c)	140 571	147 485	95,3	2 346	3 586	65,4
2012 (c)	140 005	148 864	94,0	2 287	3 604	63,5
2013 (d)	144 074	150 973	95,4	2 328	3 672	63,4
2014 (d)	147 929	151 087	97,9	2 046	3 559	57,5

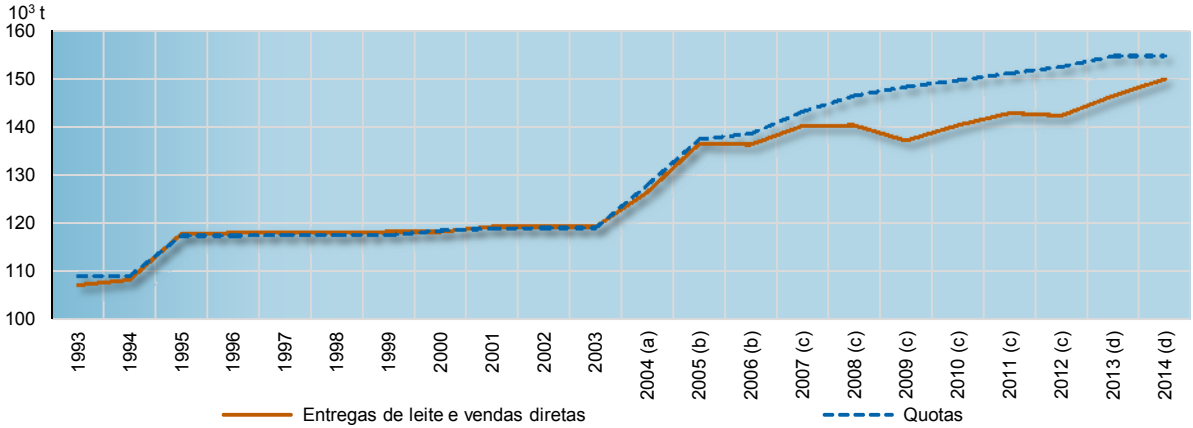
Fonte: questionário Quota (Reg. 595/2004 Art. 26)

(a) dados UE25 sem Polónia e Eslovénia (b) dados UE25 (c) dados UE27 (d) dados UE28



Embora reduzindo gradualmente o apoio dos preços, foram estabelecidos mecanismos de transição ao nível dos regimes de preços de ajudas, de intervenção, de comercialização e de comércio externo. Estes regimes de intervenção foram mantidos como forma de contribuir para a estabilização dos preços no mercado e assegurar o rendimento dos agricultores.

Figura 2 >> Evolução das quotas leiteiras na UE



Fonte: questionário Quota (Reg. 595/2004 Art. 26)
(a) dados UE25 sem Polónia e Eslovénia (b) dados UE25 (c) dados UE27 (d) dados UE28

Em Portugal, até à integração na CEE, o setor do leite e produtos lácteos estava fortemente controlado com fixação de preços na produção, distribuição e consumo. Com o início da segunda etapa de transição e a integração de todos os setores agrícolas na disciplina comunitária, a partir de 1 de Janeiro de 1991, Portugal teve de proceder à aplicação, no seu território, do regime de quotas leiteiras.

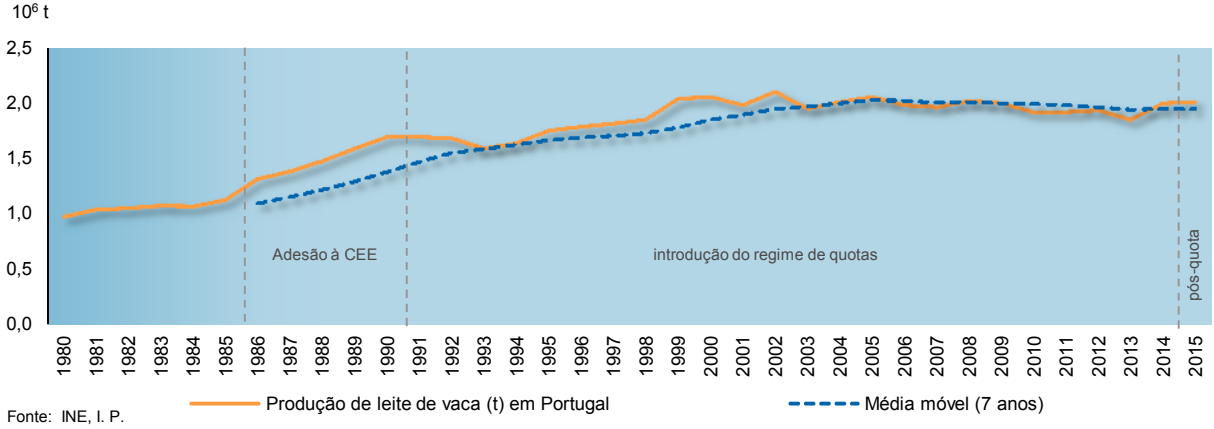
>> 1. Produção de leite de vaca

• 1.1 Produção de leite de vaca em Portugal

Em 36 anos, Portugal duplicou a produção de leite.

Nas décadas que precederam a adesão à CEE, a formação de preços para o setor do leite era estabelecida em Portugal com base em subsídios destinados a fomentar a produção e a manter estável o nível de preços. A produção de leite era insuficiente para satisfazer o consumo.

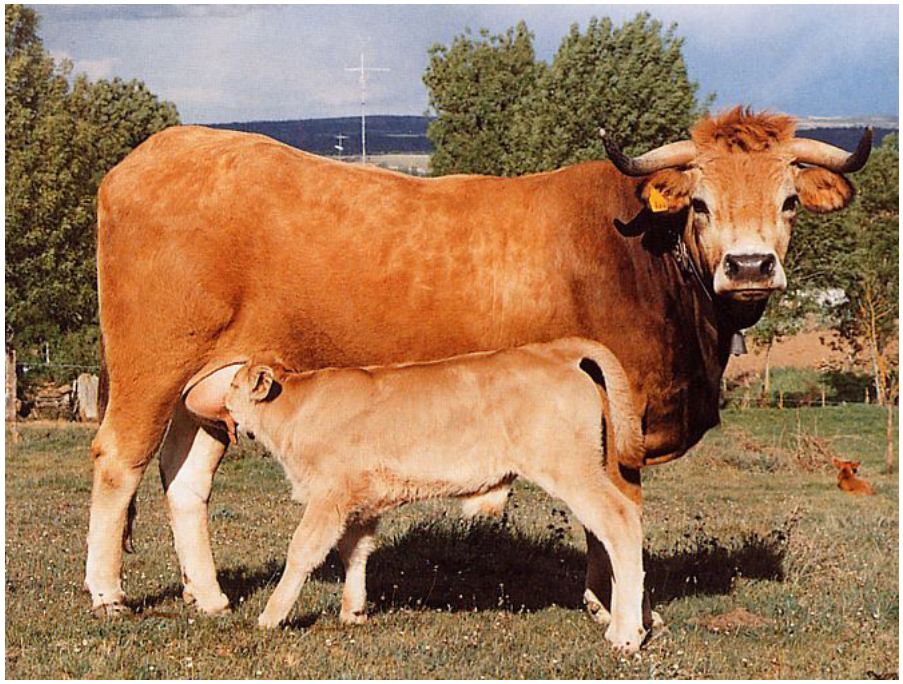
Figura 3 >> Produção de leite de vaca em Portugal



Fonte: INE, I. P.

A produção de leite de vaca registou uma variação homóloga no período em análise anterior à adesão à CEE (1980-1985) de 15,9%, correspondente a um aumento de 154 mil toneladas. Com a entrada na CEE e ainda sem a implementação do regime de quotas leiteiras (1986-1990), a produção de leite apresentou a maior variação homóloga anual e o maior crescimento médio anual dos últimos 36 anos, respetivamente, 29,2% e 6,6%. No período em que vigorou o regime de quotas leiteiras, este crescimento desacelerou. Até 2008, o ritmo médio anual de crescimento foi de 1,0% e, entre 2009 e 2014 a taxa de variação média anual foi praticamente nula (0,02%).

Salienta-se que nos 36 anos em análise, a produção de leite registou, em 2014 (fase de *phasing out* do regime de quotas leiteiras), a 3.ª maior taxa de variação anual homóloga (8,1%) e o 6.º maior volume de produção (2 milhões de toneladas). Esta evolução foi impulsionada por uma procura acentuada de produtos lácteos nos mercados mundiais (China, Rússia durante os primeiros 8 meses antes do início do embargo, e Norte de África), num contexto de condições meteorológicas normais e com a manutenção de preços à produção vantajosos. Registou-se também uma redução do preço dos cereais, influenciando positivamente a rentabilidade das explorações.



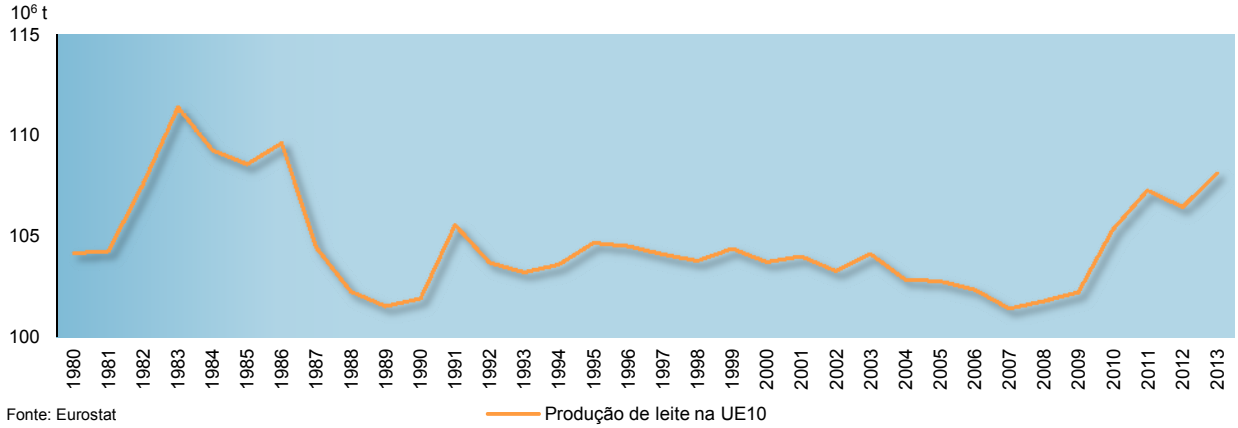
Em 2015, já com a maior parte do ano sem a imposição de quotas leiteiras, a produção de leite de vaca continuou a aumentar (+0,7%, face a 2014), fixando-se em 2,01 milhões de toneladas. Apesar do aumento da oferta de leite na UE, a conjuntura interna favoreceu o aumento de produção, com o decréscimo de 1,9% dos preços dos alimentos compostos para animais. Apesar do excesso de oferta (grau de autoaprovisionamento de 112,5%, o maior desde 1980), a indústria (cooperativa e privada) recolheu todo o leite produzido.

• 1.2 Produção de Leite de vaca na UE10

Regime de quotas leiteiras limita a produção de leite na UE

Na UE10 (Bélgica, Dinamarca, Alemanha [na época República Federal da Alemanha], Irlanda, Grécia, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos e Reino Unido), a produção de leite de vaca registou as maiores variações homólogas anuais dos 34 anos em análise em 1982 e 1983, imediatamente antes da entrada em vigor do regime de quotas leiteiras na UE. Neste período (1980-1983), em que a produção nacional representou, em média, cerca de 1,0% do total UE10, a produção de leite neste agregado europeu aumentou 7,0%, atingindo em 1983 cerca de 111 milhões de toneladas.

Figura 4 >> Produção de leite na UE10



Fonte: Eurostat

O regime de quotas leiteiras conseguiu manter a estabilidade da produção de leite de vaca na UE, constatando-se que os níveis de produção do início dos anos 80 não voltaram a ser atingidos. De facto, após 30 anos de regime de quotas, estes 10 EM produziram, em 2013, 108 milhões de toneladas de leite de vaca, o que traduz uma redução de 2,9% face a 1983. De referir que estes 10 EM, mesmo no contexto dos sucessivos alargamentos da UE, continuaram a dominar a produção de leite, tendo representado em 2013 mais de 70% da produção da UE28. Entre 1983 e 2013, a produção nacional representou em média 1,6% deste agregado europeu, variando entre um máximo de 2,0% (1999, 2000, 2002, 2004, 2005, 2008, 2009) e um mínimo de 0,9% em 1980.

>> 2. Recolha de leite de vaca

• 2.1 Recolha de leite de vaca em Portugal

Desde 2003 que 2/3 da recolha de leite nacional provém da Região Norte e da Região Autónoma dos Açores.

A R.A. Açores ultrapassou pela primeira vez, em 2014 e 2015, o limiar das 600 mil toneladas de leite recolhidas.

Em 2015 foram recolhidos em Portugal 1,9 milhões de toneladas de leite de vaca, cerca de 96% do total de leite de vaca produzido nesse ano.

Tomando como referência a informação regional sobre a recolha de leite (período de informação estatística disponível a partir de 2003), o Norte (bacia leiteira de Entre Douro e Minho) e a Região Autónoma dos Açores (R.A. Açores) representaram, em média, cerca de 2/3 do total nacional, entre 2003 e 2015.

Figura 5 >> Recolha regional de leite de vaca

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Média 2003/ 2015	Taxa média variação anual	Variação 2015/ 2014
	1000 t														%	
Portugal	**1 820**	**1 873**	**1 921**	**1 851**	**1 837**	**1 886**	**1 868**	**1 829**	**1 842**	**1 861**	**1 777**	**1 924**	**1 935**	**1 863**	**0,5**	**0,6**
Continente	1 311	1 366	1 404	1 328	1 313	1 353	1 310	1 276	1 276	1 277	1 223	1 268	1 305	1 309	0,0	2,9
Norte	680	722	750	716	714	733	714	698	710	711	690	715	740	715	0,7	3,4
Centro	354	353	351	325	315	323	302	281	267	261	238	239	243	296	-3,1	1,6
A. M. Lisboa	63	71	69	65	74	83	77	75	75	74	66	78	77	73	1,8	-1,6
Alentejo	214	220	234	223	210	215	216	221	223	231	230	235	245	224	1,1	4,1
Algarve	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0
R. A. Açores	507	505	515	522	522	532	557	552	565	583	553	655	629	554	1,8	-3,9
R. A. Madeira	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,7	4,5
Importância regional da recolha de leite de vaca (%)																
Continente	72,0	73,0	73,1	71,8	71,5	71,7	70,1	69,7	69,3	68,6	68,8	65,9	67,4	70,2		
Norte	37,4	38,6	39,1	38,7	38,9	38,9	38,2	38,2	38,6	38,2	38,8	37,2	38,2	38,4		
Centro	19,5	18,8	18,3	17,5	17,2	17,1	16,2	15,4	14,5	14,0	13,4	12,4	12,6	15,9		
A. M. Lisboa	3,4	3,8	3,6	3,5	4,0	4,4	4,1	4,1	4,1	4,0	3,7	4,1	4,0	3,9		
Alentejo	11,8	11,8	12,2	12,1	11,4	11,4	11,6	12,1	12,1	12,4	12,9	12,2	12,7	12,0		
Algarve	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0		
R. A. Açores	27,9	27,0	26,8	28,2	28,4	28,2	29,8	30,2	30,7	31,3	31,1	34,0	32,5	29,7		
R. A. Madeira	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1		

Fonte: INE, I. P.

Ao longo do período em análise, a recolha regional de leite de vaca apresentou comportamentos distintos nas três bacias leiteiras nacionais (região Norte – Entre Douro e Minho, região Centro – Beira Litoral e R.A. Açores). A R.A. Açores foi a que apresentou maior taxa média anual de crescimento da recolha de leite (+1,8%) e a que mais importância ganhou na estrutura de recolha (+4.6 p.p.). Pelo contrário, a recolha de leite na região Centro perdeu importância em termos absolutos e relativos, respetivamente, -3,1% e -6,9 p.p. A região Norte detém a maior bacia leiteira nacional, representando 38,2% da recolha nacional em 2015, mais 0,9 p.p. que em 2003. A quantidade de leite recolhida nesta bacia leiteira aumentou a um ritmo médio anual de 0,7% no período em análise.

Tal como verificado na produção, a recolha nacional de leite aumentou em 2014 e, em menor grau, em 2015. As bacias leiteiras das regiões Norte e Centro aumentaram a recolha neste período em 3,4% e 1,6%, respetivamente. De referir que nestes dois anos, e pela primeira vez, a recolha de leite na R.A. Açores ultrapassou as 600 mil toneladas, cerca de 1/3 da recolha total nacional, tendo a recolha em 2014, face a 2013, aumentado mais de 18%.

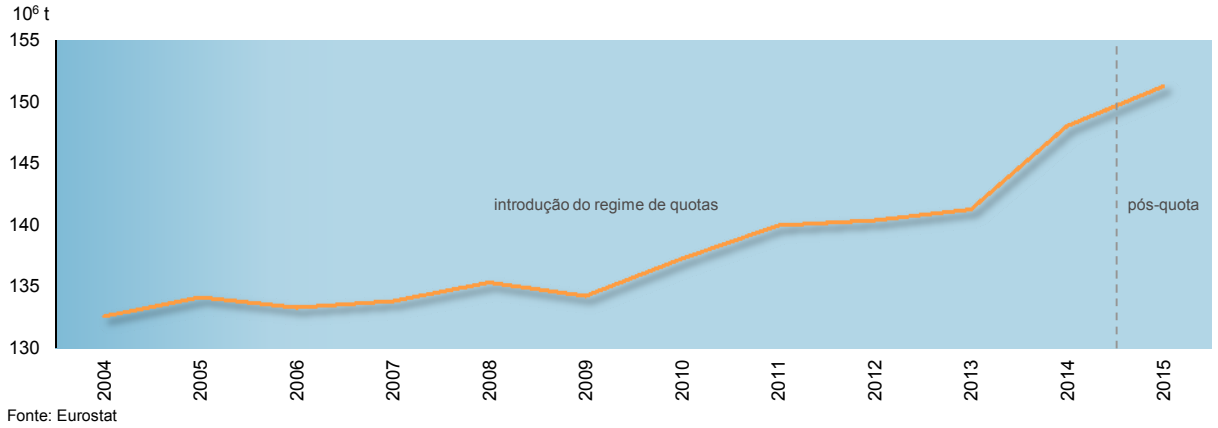
• 2.2 Recolha de leite de vaca na UE28

Medidas de transição introduzidas pela PAC a partir de 1999 e recuperação da crise económica levam a aumento da recolha de leite na UE.

Em 2015, cinco Estados Membros concentravam cerca de 64% do leite recolhido na UE 28.

Considerando agora a evolução da recolha de leite na UE28, a partir de 2004, verifica-se um crescimento contínuo da recolha de leite com o maior aumento a ocorrer em 2014 (+4,8% relativamente a 2013) e o máximo atingido em 2015 (151 milhões de toneladas).

Figura 6 >> Recolha de leite de vaca na UE28

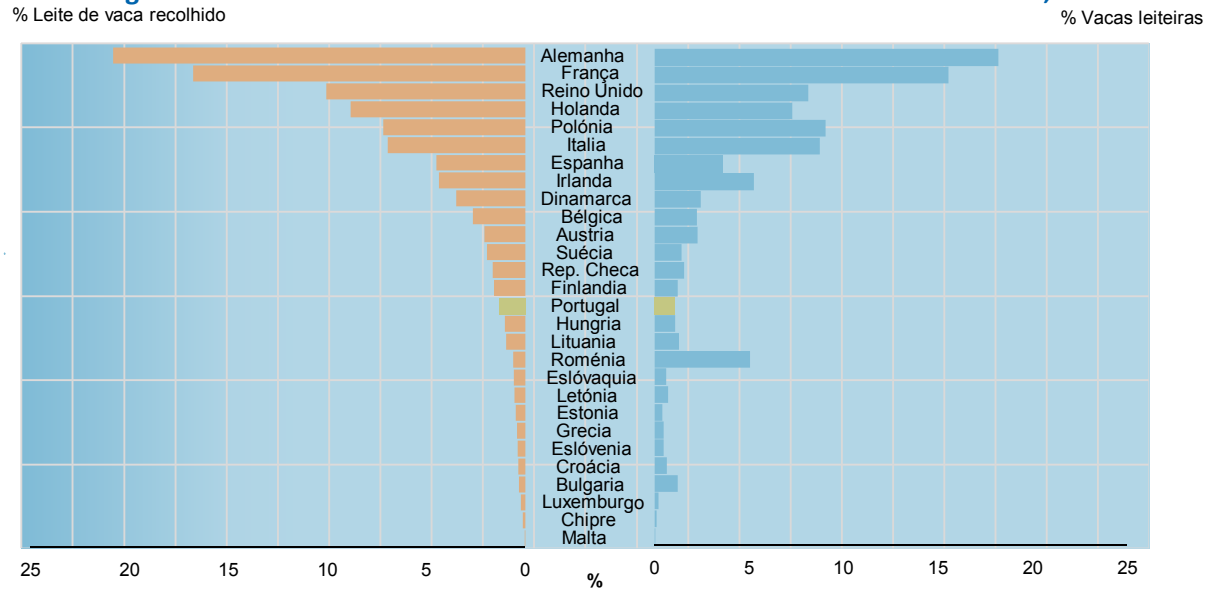


Fonte: Eurostat

Segundo o Eurostat, nos últimos cinco anos a produção aumentou, não só pelo efeito de recuperação que sucedeu após a crise económica e financeira, mas também pelas medidas de transição para a liberalização da produção ("*soft landing*", aterragem suave em português) introduzidas a partir de 2009. Estas medidas consistiram no aumento anual de 1% nas quotas, em antecipação ao fim do sistema em 2015. Portugal acompanhou esta tendência.

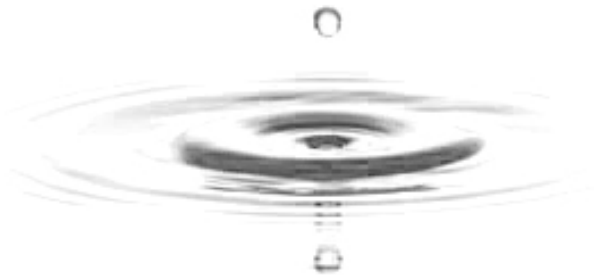
Em 2015, cinco Estados membros concentravam cerca de 64% do leite recolhido na UE 28: Alemanha (20,8%), França (16,8%); Reino Unido (10,0%), Holanda (8,8%) e Polónia (7,2%).

Figura 7 >> Estrutura da recolha de leite de vaca e do efetivo leiteiro na UE28, 2015



Fonte: INE, I. P., Eurostat

Portugal representou 1,3% desse total, ocupando a 15.ª posição relativamente ao volume de leite de vaca recolhido. As últimas três posições foram ocupadas pelo Luxemburgo, Chipre e Malta, que em conjunto recolheram apenas 0,3% do total de leite.



>> 3. Estrutura das explorações agrícolas com bovinos leiteiros

• 3.1 Estrutura das explorações agrícolas nacionais com bovinos leiteiros

Portugal perdeu em 25 anos, 90 mil explorações e mais de 140 mil vacas leiteiras.

Dimensão média dos efetivos leiteiros por exploração aumentou de 4 vacas/ exploração para 34.

Em 25 anos (entre 1989 e 2013) desapareceram 90 mil explorações e reduziu-se o efetivo animal em mais de 140 mil vacas leiteiras, o que corresponde a variações negativas de, respetivamente, 92,2% e 34,7%. Esta evolução traduziu-se sobretudo na eliminação de explorações pecuárias com um número reduzido de efetivos e consequente aumento da dimensão média dos efetivos por exploração (de cerca de 4 vacas por exploração para aproximadamente 34 vacas por exploração).

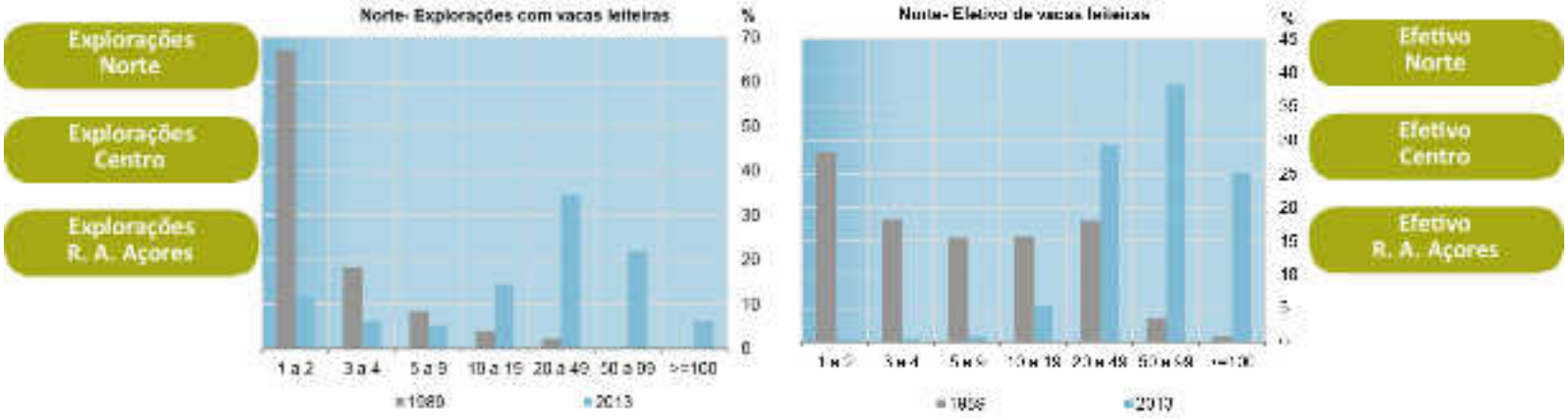
Figura 8 >> Estrutura das explorações agrícolas com bovinos leiteiros

	Explorações com vacas leiteiras				Variação 2013/1989	Diferença 2013/1989	Vacas leiteiras				Variação 2013/1989	Diferença 2013/1989
	1989		2013				1989		2013			
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	%	n.º
Portugal	**99 037**	100	**7 772**	100	**-92,2**	**- 91 265**	**405 601**	100,0	**264 795**	100	**-34,7**	**- 140 806**
Norte	44 970	45,4	2 723	35,0	-93,9	- 42 247	152 096	37,5	104 172	39,3	-31,5	- 47 924
Centro	38 153	38,5	1 712	22,0	-95,5	- 36 441	119 728	29,5	37 218	14,1	-68,9	- 82 510
A. M. Lisboa	1 623	1,6	50	0,6	-96,9	- 1 573	16 090	4,0	6 117	2,3	-62,0	- 9 973
Alentejo	3 452	3,5	216	2,8	-93,7	- 3 236	33 449	8,2	27 757	10,5	-17,0	- 5 692
Algarve	734	0,7	68	0,9	-90,7	- 666	2 961	0,7	187	0,1	-93,7	- 2 774
R. A. Açores	7 579	7,7	2 894	37,2	-61,8	- 4 685	78 132	19,3	88 955	33,6	13,9	10 823
R. A. Madeira	2 526	2,6	109	1,4	-95,7	- 2 417	3 145	0,8	389	0,1	-87,6	- 2 756

Fonte: INE, I. P.

Em 2013, as três bacias leiteiras detinham cerca de 94% das explorações e 87% do efetivo bovino leiteiro nacional.
A evolução regional que, entre 1989 e 2013, se caracterizou pela forte redução do número de explorações agrícolas com vacas leiteiras e uma diminuição significativa, embora mais moderada, do número de vacas leiteiras, alterou substancialmente a estrutura do efetivo e das explorações agrícolas. As bacias leiteiras das regiões Norte e Centro perderam importância em detrimento da R.A. Açores, que passou a deter em 2013 cerca de 1/3 do efetivo bovino leiteiro nacional, quando em 1989 não atingia 1/5 do total.

Figura 9 >> Distribuição regional por classes de dimensão (classes de n.º de cabeças)



Fonte: INE, I. P.

Uma análise da distribuição das explorações leiteiras por escalões do número de vacas entre 1989 e 2013 nas principais regiões produtoras revela uma tendência para a concentração da produção e o abandono de um grande número de explorações leiteiras com efetivos de pequena dimensão ocorrida nesses 25 anos. Este facto foi particularmente notório na região Norte, onde as unidades com 1 a 2 vacas representavam 66,9% do total de explorações em 1989 e em 2013 contabilizavam apenas 11,6% do total.

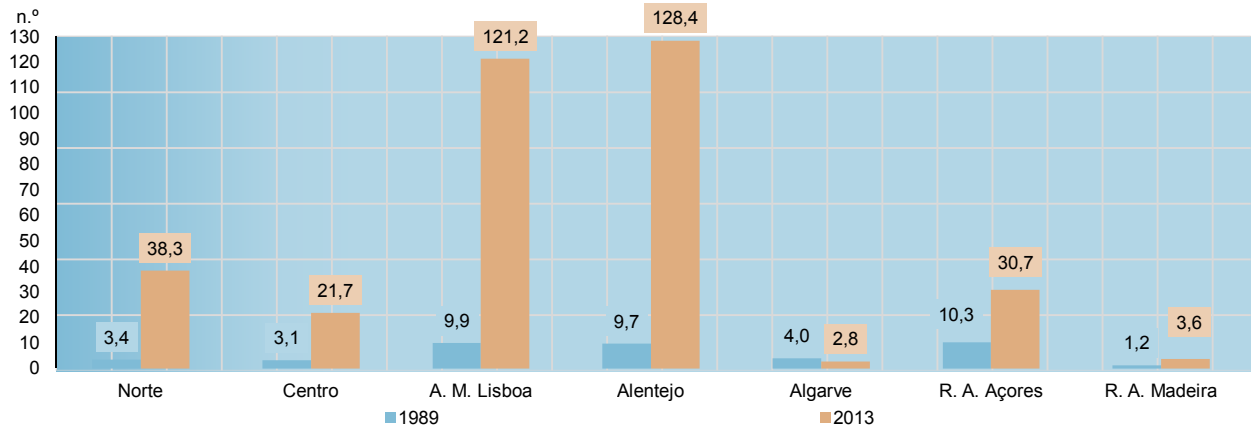
Em 1989, a R.A. Açores já apresentava uma estrutura mais concentrada, quando comparada com as duas bacias do Continente: os escalões até 9 vacas, que no Norte e Centro constituíam mais de 90% do total das explorações leiteiras, correspondiam nos Açores a 65,2% do total das unidades leiteiras.

Para as três regiões, assistiu-se no período em análise a um decréscimo significativo do número de explorações dos escalões até 9 cabeças e uma transferência para unidades dos escalões superiores, sendo que em 2013 no Norte e na R.A. Açores mais de 50% das explorações integravam 20 ou mais cabeças (62,7% e 58,5%, respetivamente), enquanto o Centro, cuja estrutura não se alterou de forma tão expressiva, reunia neste grupo 33,6% das explorações.

O efetivo apresentou uma evolução semelhante, com uma alteração da estrutura ainda mais evidente, devido a uma concentração muito significativa do efetivo nos escalões superiores a 20 cabeças. Em 1989, cerca de 28,2% das vacas leiteiras da região Norte e 30,3% dos animais da região Centro estavam no escalão de 1 a 2 cabeças, enquanto em 2013 esta classe concentrava, respetivamente, apenas 0,5% e 2,6% do total de vacas destas duas regiões. Na R.A. Açores, os escalões inferiores foram menos representativos: a classe de 1 a 2 cabeças detinha 3,7% dos animais em 1989 e 0,4% em 2013. De facto, neste ano, qualquer das regiões analisadas apresentava uma estrutura que concentrava mais de 85% do efetivo leiteiro em explorações com 20 ou mais cabeças (Norte: 92,7%; Centro: 86,1% e R.A. Açores: 88,2%).

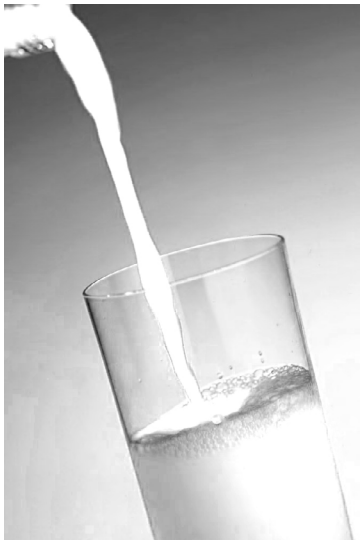
O forte aumento do número de vacas leiteiras por exploração teve, no entanto, uma expressão mais acentuada fora das bacias leiteiras, concretamente no Alentejo e na Área Metropolitana de Lisboa.

Figura 10 >> Distribuição regional do efetivo bovino leiteiro por exploração



Fonte: INE, I. P.

Nas bacias, o número de vacas leiteiras por exploração em 2013 variou entre 38 vacas/exploração na região Norte e 22 vacas/exploração na região Centro.



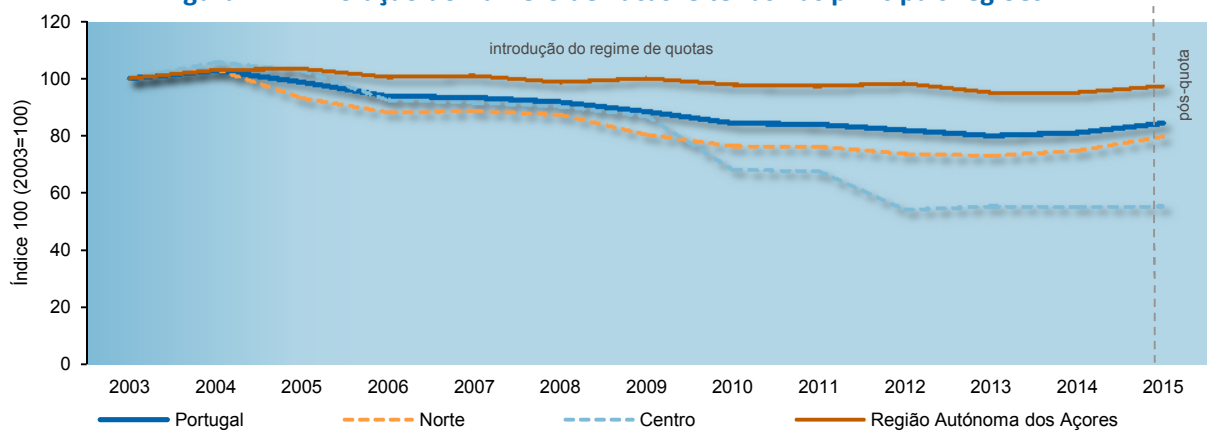
É notória a heterogeneidade da dimensão média das explorações leiteiras entre regiões, que, em 2013, variou entre cerca de 129 vacas leiteiras/exploração no Alentejo e cerca de 3 vacas leiteiras/exploração no Algarve e na R. A. Madeira. As principais regiões produtoras apresentaram uma dimensão média mais homogénea entre si, cerca de 38 vacas leiteiras/exploração na região Norte, 22 na região Centro e 31 na R.A. Açores.

Apesar do efetivo ter decrescido entre 2003 e 2015, nota-se um aumento do número de vacas leiteiras em 2014 e 2015. O ano 2014 trouxe condições climatéricas estabilizadas e com preços em alta em relação aos anos anteriores (2012 e 2013), o que estimulou a produção e a manutenção do efetivo. Em 2015, o fim das quotas leiteiras na UE a partir de 1 de Abril levou ao levantamento dos limites nacionais /individuais à produção, com consequências quase imediatas em diversos países do norte/centro da UE. Em Portugal, também durante 2015, a produção de leite de vaca aumentou, em parte, à custa da manutenção de mais animais em produção (+4,0% em relação a 2014) por parte das explorações que se mantiveram em atividade.

Em termos regionais, entre 2003 e 2015, a evolução do efetivo de vacas leiteiras foi de decréscimo do número de animais.

Em 2014 e 2015, assistiu-se a um aumento do número de vacas leiteiras.

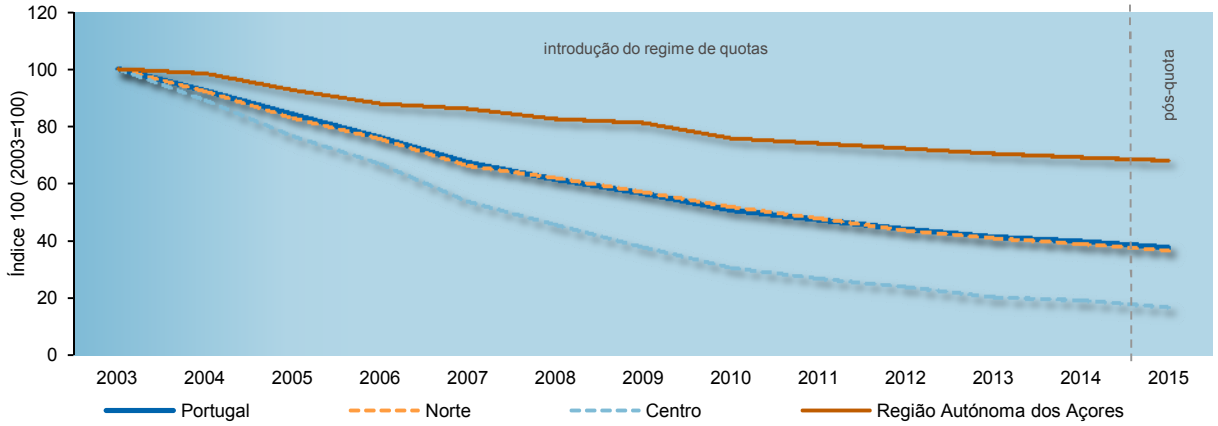
Figura 11>> Evolução do número de vacas leiteiras nas principais regiões



Fonte: INE, I. P.

Em termos regionais, o comportamento foi tendencialmente o mesmo nas três bacias leiteiras, ou seja, de decréscimo do número de animais no período em análise, particularmente na região Centro, onde o número de vacas se reduziu 44,8% nestes 13 anos. No Norte, esta redução foi de 20,4%, enquanto na R.A. Açores o efetivo leiteiro se manteve significativamente mais estável (-2,7% entre 2003 e 2015).

Figura 12 >> Evolução do número de produtores com entregas de leite nas principais regiões

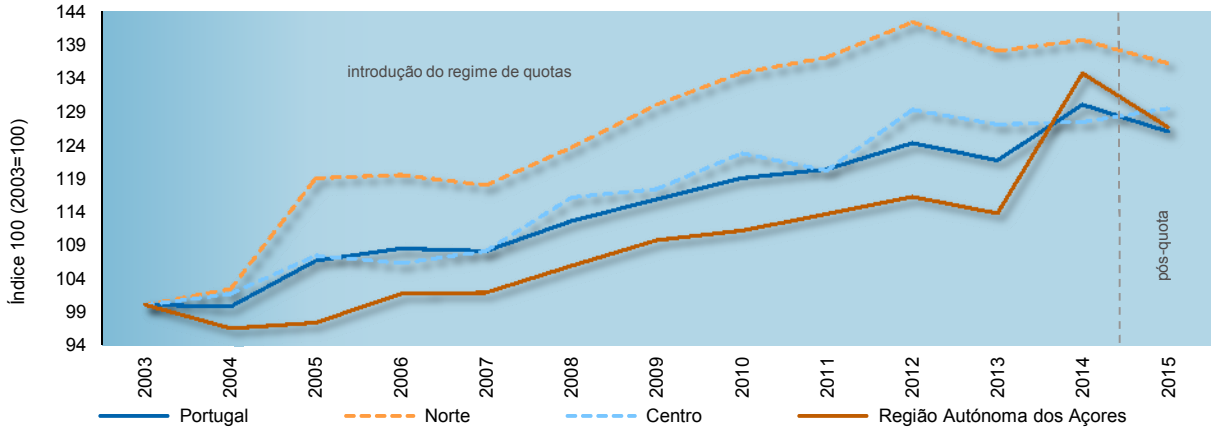


Fonte: INE, I. P.

Nos últimos treze anos, Portugal perdeu mais de 8 mil produtores, ocorrência mais acentuada na região Centro e menos profunda na R. A. Açores. As menores variações anuais homólogas ocorreram nos últimos 2 anos (2014 e 2015).

A produtividade das vacas leiteiras apresentou um forte aumento entre 2003 e 2015, com as variações entre os extremos da série temporal a atingirem valores superiores a 25%.

Figura 13 >> Evolução da produtividade do efetivo bovino leiteiro nas principais regiões



Fonte: INE, I. P.

A produtividade do efetivo leiteiro aumentou substancialmente desde 2003 nas 3 bacias leiteiras nacionais. A região Norte apresentou o desempenho mais expressivo, atingindo um máximo em 2012. A região Centro atingiu o seu pico em 2015, apresentando um ritmo de crescimento 1,4% acima da evolução nacional. A R.A. Açores só apresentou um ritmo superior ao do crescimento nacional a partir de 2014. É igualmente percetível, em 2015, o decréscimo da produtividade.

Este indicador reflete a progressiva especialização do setor, com as explorações que se mantiveram em atividade a deterem efetivos de melhor qualidade genética e consequentemente mais produtivos. A profissionalização dos produtores, nomeadamente as melhorias introduzidas ao nível do controlo sanitário, alimentação animal e genética (fruto de programas de melhoramento e através da aquisição de vacas de alto valor genético provenientes de outros Estados Membros como a França, Países Baixos e Dinamarca), permitiram a Portugal alcançar os padrões europeus, sendo de destacar que, quer o aumento de dimensão quer a concentração regional das explorações conduziram também a ganhos de eficiência na logística de recolha do leite produzido.

• 3.2 Estrutura das explorações agrícolas com bovinos leiteiros na UE10

Com 7 toneladas de leite/cabeça, Portugal detinha em 2013 uma produtividade superior à média registada na UE10 (+0,2 toneladas/cabeça).

Portugal em 2013 posicionava-se abaixo da média da UE10 no número de vacas/exploração (-20 cabeças) e na produção por exploração (-128 toneladas de leite por exploração).

A estrutura das explorações agrícolas da UE também passou por mudanças significativas nos últimos 25 anos, ainda que menos acentuadas do que as ocorridas em Portugal. Tendo por base o total das explorações agrícolas, entre 1990 e 2013, em Portugal cessaram atividade cerca de 334 mil explorações agrícolas (-55,8%) que compara com -39,6% na UE10. Restringindo esta análise ao universo das explorações agrícolas com vacas leiteiras, a reestruturação foi ainda mais profunda tanto na UE10 como em Portugal.

Figura 14 >> Portugal na UE10

	Vacas leiteiras		Explorações com vacas leiteiras		Produção total leite de vaca**		Vacas por exploração		Produção/vaca		Produção/exploração	
	1 000 expl.				1 000 t		cab./expl.		t/cab.		t/expl.	
	PT	UE10	PT	UE10	PT	UE10	PT	UE10	PT	UE10	PT	UE10
1989	406	22 629	99	1 042	1 589	94 699	4,1	21,7	3,918	4,185	16,0	90,9
1993	372	20 053	67	828	1 587	96 111	5,5	24,2	4,269	4,793	23,5	116,1
1995	382	19 607	58	730	1 750	98 422	6,5	26,9	4,583	5,020	29,9	134,9
1997	381	18 930	47	529	1 814	97 965	8,0	35,8	4,757	5,175	38,2	185,0
1999	356	17 827	33	537	2 040	98 448	10,8	33,2	5,734	5,522	61,8	183,3
2003	335	16 846	27	449	1 952	99 263	12,4	37,5	5,822	5,892	72,2	221,2
2005	287	16 168	16	397	2 061	98 541	18,1	40,7	7,175	6,095	129,9	248,0
2007	273	15 801	14	372	1 969	98 532	20,2	42,4	7,220	6,236	145,8	264,7
2009	278	15 654	10	319	1 999	101 832	26,7	49,1	7,179	6,505	191,3	319,2
2013	265	15 726	8	296	1 851	105 586	34,1	53,1	6,989	6,714	238,1	356,3
Var (2014/2013) %	1,3				8,1				7,5			
Var (2015/2014) %	3,8				0,7				7,2			

Fonte: INE, I. P. e Eurostat

Notas: UE10 inclui - BE, DK, IE, GR, FR, DE, IT, LUX, NL, UK

** Para a UE10, a informação reporta a recolha de leite de vaca

A dimensão média dos efetivos por cada exploração com vacas leiteiras aumentou em Portugal mais de 8 vezes, passando de 4,1 cabeças por exploração para 34,1. Na UE10 e para o mesmo período, o crescimento não foi tão significativo, apesar da dimensão média mais que ter duplicado (21,7 cabeças por exploração para 53,1).

Dimensão média dos efetivos leiteiros por exploração aumentou de quatro vacas para trinta e quatro.

Desta forma e neste período, a dimensão média das explorações nacionais com bovinos leiteiros aproximou-se gradualmente da dimensão média do agregado UE10, passando de uma dimensão 5 vezes inferior em 1990 para 1,6 vezes mais reduzida. De notar que o maior crescimento da dimensão média (+ 46,0%) ocorreu em 2005.

A produção média por exploração também teve um forte aumento, particularmente com a implementação do regime de quotas, passando em Portugal de um valor médio de 16,0 toneladas para 238,1 toneladas, que compara com um valor médio da UE10 de 356,3 toneladas em 2013.

>> 4. Indústria Nacional de Laticínios

• 4.1 Volume de produção

Nos últimos 30 anos, Portugal produziu em média 1,2 milhões de toneladas de produtos lácteos por ano.

Este período caracterizou-se pelo aumento da importância dos produtos fabricados, sobretudo iogurtes e queijo, e diminuição da produção de leite para consumo .

Entre 1986 e 2015, Portugal produziu em média 1,2 milhões de toneladas de produtos lácteos. Os produtos frescos produzidos, cerca de 990 mil de toneladas em média neste período, apresentaram um ritmo de crescimento médio anual de 1,0% inferior a mais de metade do ritmo de crescimento dos produtos fabricados (+ 2,4%), com uma produção média de 168 mil toneladas.

Cerca de 70% do volume total de leite e produtos lácteos produzidos pela indústria nacional correspondeu a leite para consumo. A produção de iogurtes contribuiu com 7,9%, o queijo com 5,1%, cabendo aos restantes produtos lácteos uma comparticipação individual inferior a 2%.

As variações anuais homólogas mais significativas encontradas para a produção total de produtos frescos, entre 1986 e 2015, verificaram-se nos anos de 1987 (+6,9%), 1997 (+7,3%) e 1998 (+7,1%), sendo que a maior variação negativa ocorreu em 2015 (-8,9%), resultantes fundamentalmente das variações da produção de leite para consumo. Nos produtos transformados, as variações anuais positivas mais relevantes ocorreram nos anos 1998 (+23,5%) e 2011 (+35,0%) e as negativas em 1990 (-10,6%) e 2001 (-28,1%).

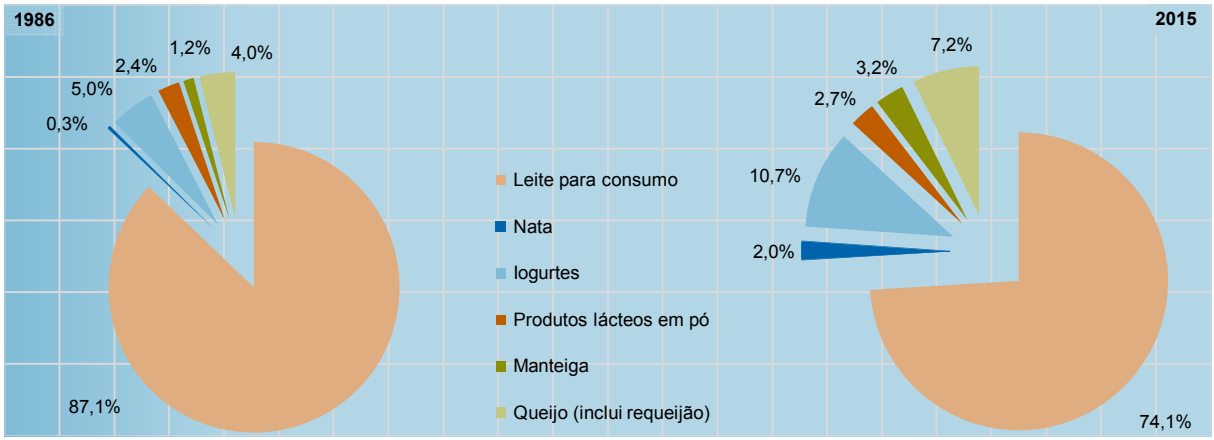
Figura 15 >> Produção de leite e produtos lácteos

	Produtos frescos	Dos quais:			Produtos fabricados	Dos quais:		
		Leite para consumo	Nata	Iogurtes		Produtos lácteos em pó	Manteiga	Queijo
	t							
1986	**730 145**	664 228	2 089	38 464	**138 803**	18 679	9 000	30 124
1987	**780 558**	685 467	2 632	48 790	**142 897**	16 900	8 000	32 997
1988	**793 532**	688 200	4 050	53 932	**165 304**	17 522	10 320	38 242
1989	**830 741**	718 511	3 570	57 170	**156 838**	22 557	12 090	41 091
1990	**853 658**	724 470	5 290	67 418	**140 203**	25 256	15 450	44 137
1991	**877 317**	739 370	4 376	77 561	**147 222**	25 597	15 860	46 915
1992	**884 565**	759 560	6 260	68 785	**134 542**	25 109	16 580	47 783
1993	**886 297**	761 354	5 837	70 175	**135 560**	22 950	16 705	47 312
1994	**898 991**	763 662	7 344	84 174	**139 329**	23 163	16 921	50 287
1995	**889 673**	739 074	8 153	97 558	**138 838**	25 891	19 380	52 324
1996	**909 171**	763 084	9 319	86 775	**133 340**	16 592	19 251	52 889
1997	**975 239**	801 730	11 392	101 349	**147 001**	20 644	21 154	54 062
1998	**1 044 795**	857 994	12 896	108 020	**181 568**	17 968	19 566	56 553
1999	**1 093 745**	894 949	12 331	118 322	**170 872**	20 736	24 707	63 601
2000	**1 078 625**	891 238	12 671	99 374	**198 028**	19 894	24 599	66 754
2001	**1 036 807**	862 014	13 313	83 966	**142 410**	17 024	24 524	67 486
2002	**1 043 509**	856 939	14 637	88 964	**162 197**	21 411	27 435	68 012
2003	**1 073 240**	881 781	15 591	94 782	**152 374**	18 660	26 252	66 351
2004	**1 097 025**	901 350	16 893	97 044	**143 416**	17 935	25 977	66 926
2005	**1 164 528**	958 988	17 167	101 672	**138 705**	15 216	26 971	66 282
2006	**1 169 864**	952 927	17 382	105 986	**150 487**	16 421	28 694	66 033
2007	**1 141 676**	917 812	17 367	108 109	**149 656**	14 418	27 695	69 117
2008	**1 102 107**	882 025	16 593	105 442	**162 857**	17 621	30 355	66 980
2009	**1 056 440**	836 594	17 378	108 797	**174 188**	20 856	29 263	65 071
2010	**1 057 790**	830 900	18 029	115 567	**170 531**	18 576	27 182	68 883
2011	**1 075 966**	851 051	17 857	114 207	**230 147**	16 530	27 667	72 240
2012	**1 080 014**	859 012	18 443	112 137	**228 127**	17 348	28 446	71 883
2013	**1 064 404**	834 470	18 763	122 752	**234 872**	14 639	25 736	69 947
2014	**1 058 085**	831 530	19 836	114 791	**270 514**	19 826	28 114	73 370
2015	**964 411**	747 596	20 237	108 221	**272 787**	27 496	32 285	73 132
Média 2010/2015	**1 050 112**	825 760	18 861	114 613	**234 496**	19 069	28 238	71 576
Média 1986/2015	**990 431**	815 263	12 257	92 010	**168 454**	19 781	22 206	58 559
Taxa média variação anual 2010/2015	**-0,3**	-0,4	0,4	-0,2	**1,6**	1,4	0,6	0,2
Taxa média variação anual 1986/2015	**1,0**	0,4	8,1	3,6	**2,4**	1,3	4,5	3,1
Variação 2015/2014	**-8,9**	-10,1	2,0	-5,7	**0,8**	38,7	14,8	-0,3
Variação 2015/1986	**32,1**	12,6	868,7	181,4	**96,5**	47,2	258,7	142,8

Fonte: INE, I. P.

Comparando a representatividade do leite e produtos lácteos entre os extremos da série temporal, é possível comprovar a alteração da estrutura da produção.

Figura 16 >> Representatividade da produção de leite e produtos lácteos



Fonte: INE, I. P.

Nos últimos 29 anos, a produção de leite para consumo perdeu 13 p.p. na estrutura de produção nacional, dos quais 9 p.p. foram estruturalmente absorvidos pelas produções de iogurtes e queijo. A produção de nata aumentou 10 vezes e em 2015 contribuía com 2% da produção nacional de leite e produtos lácteos.

• 4.2 Valor de vendas da indústria de laticínios

A estrutura de vendas da indústria de laticínios aponta para uma importância quase equitativa da representatividade do leite para consumo e queijo, respetivamente 36,4% e 31,2%, em média, do valor total de vendas no período 2010-2015.

Figura 17 >> Principais produtos lácteos - Valor de vendas

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Média 2010/2015	Taxa média variação anual	Variação 2015/2014
	10^3 Euros							%	
Produtos frescos									
Leite para consumo	420 805	423 075	432 514	427 349	438 522	349 983	415 375	-3,6	-20,2
Nata	39 478	41 209	41 609	45 379	47 132	26 471	40 213	-7,7	-43,8
Iogurtes	212 997	204 223	189 736	208 187	96 173	121 451	172 128	-10,6	26,3
Produtos fabricados									
Produtos lácteos em pó	58 580	60 204	48 177	51 251	58 759	65 549	57 086	2,3	11,6
Manteiga	96 744	96 110	99 729	99 275	101 830	111 554	100 874	2,9	9,5
Queijo	314 872	321 057	369 628	367 466	380 601	378 577	355 367	3,8	-0,5

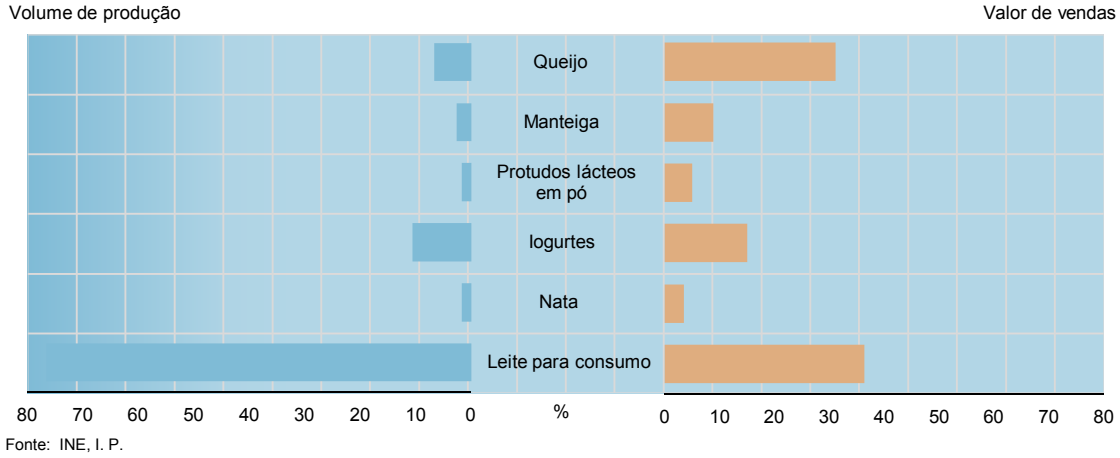
Fonte: INE, I. P.

A estrutura do valor de vendas apresentava um padrão diferente quando comparada com a importância em volume do leite e produtos lácteos, refletindo a diferente valorização destes produtos. Assim, o leite para consumo contabilizava 36,4% do valor total de vendas destes produtos (cerca de metade da sua importância no volume total produzido), enquanto o queijo representava 31,1% do valor total, ou seja, cerca de cinco vezes mais que o seu peso em termos de volume.

Enquanto o leite perde quase metade da sua importância, em volume, o queijo amplifica-a 6 vezes em valor devido à sua grande valorização.

O queijo surge como o produto lácteo mais valorizado nos últimos 5 anos por oposição aos iogurtes.

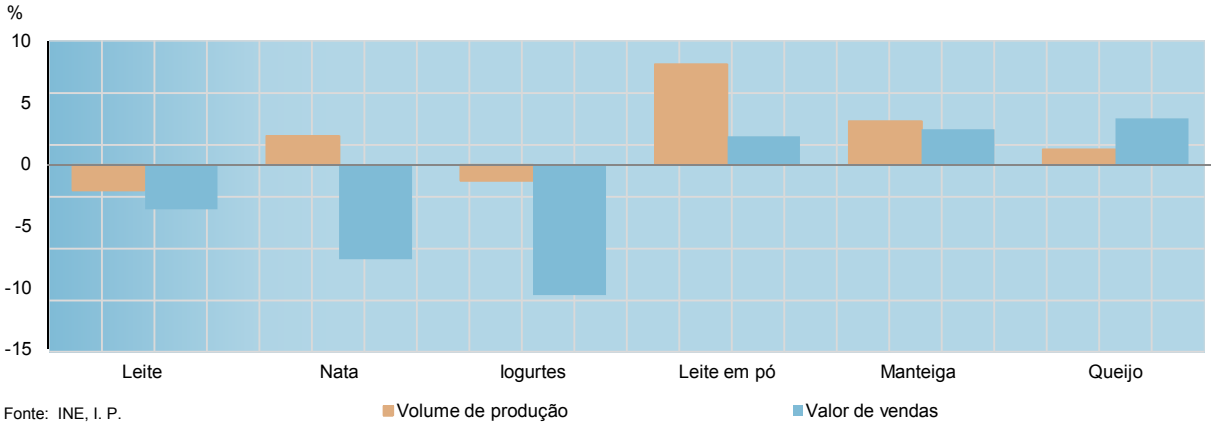
Figura 18 >> Estrutura média da produção de lactícinios em volume de produção e valor de vendas (2010-2015)



Fonte: INE, I. P.

A variação média anual da produção de laticínios e respetiva valorização, no período 2010-2015, refletiu variações de sentido diferente consoante o produto em causa. Assim, registaram-se valores negativos no leite para consumo (-2,1% em volume e -3,6% em vendas) e iogurtes (-1,3% em volume e -10,6% em vendas); a nata registou um aumento de 2,3% em volume e um decréscimo de 7,7% no valor de vendas. Quanto aos produtos transformados analisados, todos registaram uma variação positiva da taxa média de variação anual: leites em pó (+8,2% em volume; +2,3% em vendas), manteiga (+3,5% em volume e +2,9% em vendas) e queijo (+1,2% em volume e +3,8% em vendas).

Figura 19 >> Taxa média de variação anual dos principais produtos lácteos, 2010-2015

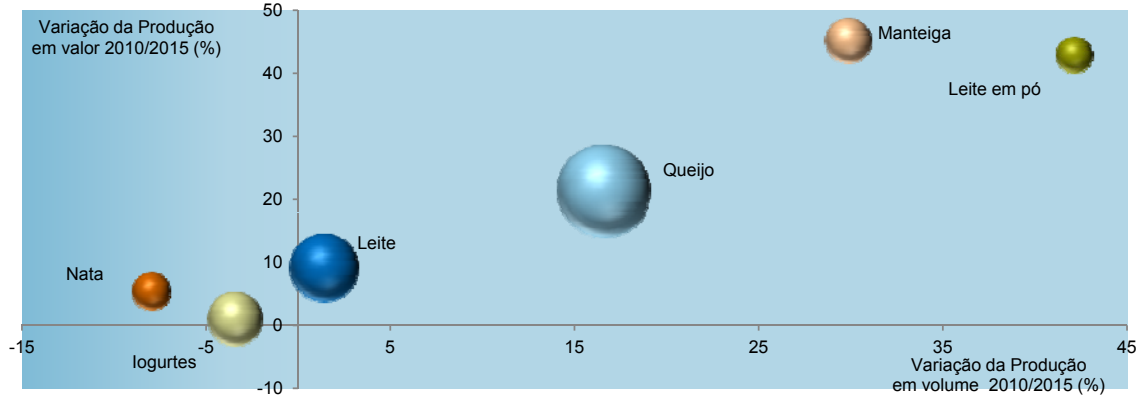


Fonte: INE, I. P.

• 4.3 Indústria de laticínios na UE

Face à conjuntura deste período, que incluiu o fim das quotas leiteiras e um excesso de produção de leite e de produtos lácteos na UE, a indústria viu-se confrontada com dificuldades acrescidas para colocação no mercado de produtos como o leite para consumo e iogurtes, tendo recorrido à secagem de leite para fabrico de leite em pó magro e, inerentemente, à produção de manteiga, únicos produtos suscetíveis de recurso à intervenção pública prevista na Organização Comum de Mercado (OCM) do leite.

Figura 20 >> Produção de lactícinios em volume e valor de vendas, na UE28 (2010-2015)



Dimensão da bolha equivalente ao Valor médio da Produção (2010-2015)

Fonte: Eurostat

A análise da produção de laticínios ao nível da UE 28, no período 2010-2015, mostrou um padrão semelhante ao ocorrido a nível nacional. A variação média anual da produção em volume foi negativa para produtos frescos como a nata (-7,9%) e os iogurtes (-3,4%), tendo o leite para consumo registado um aumento de 1,4%. Já os principais produtos lácteos transformados apresentaram variações positivas e mais significativas, nomeadamente o leite em pó (+45,7%) a manteiga (+29,9%) e o queijo (+16,6%).

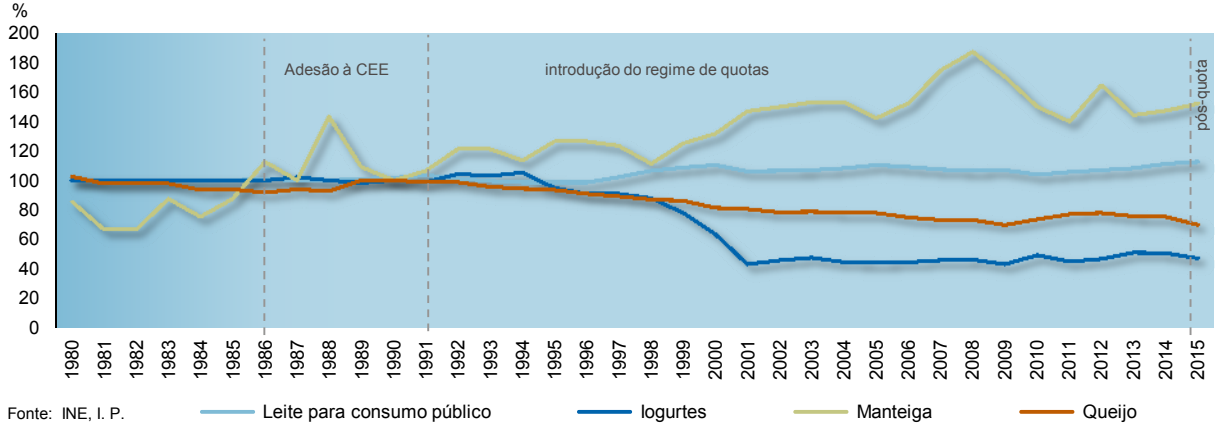
O valor de vendas de laticínios no total da UE cresceu para a generalidade dos produtos lácteos em análise, com especial incidência no caso do leite em pó (+42,7%), da manteiga (+45,0%) e do queijo (+21,2%), tendo os iogurtes registado o menor aumento (+0,8%).

>> 5. Grau de autoaprovisionamento e consumo do leite e produtos lácteos

Em 2015, o consumo de leite foi de 71,0 kg por residente em território nacional, o valor mais baixo dos últimos 32 anos. Consumo de iogurtes decresceu 1,7 kg/ hab. desde 2011.

Entre 1980 e 2015, Portugal foi autossuficiente em leite para consumo, com um grau de autoaprovisionamento médio neste período de 104,1%. Relativamente à manteiga, só a partir de 1985 se atingiu a autossuficiência, passando Portugal a ser excedentário em manteiga a partir de 1991, registando um grau de autoaprovisionamento médio de 141,5%, entre 1991 e 2015

Figura 21 >> Grau de autoaprovisionamento de leite e derivados



No entanto, não foi autossuficiente em iogurtes e em queijo. No caso dos iogurtes, o grau de autoaprovisionamento piorou até 2001, passando da autossuficiência (máximo de 105,0% em 1994) para uma situação deficitária, em que a produção nacional não chegou para satisfazer metade das necessidades de consumo nacionais (42,9% em 2001). Entre 2001 e 2015, o grau de autoaprovisionamento foi relativamente constante, sendo, em média, de 46,1%. Realça-se que o decréscimo de autossuficiência em iogurtes resultou exclusivamente do aumento do consumo destes produtos (+8,4%, em média, ao ano, entre 1980 e 2006), tendo sido satisfeito com recurso ao aumento das quantidades importadas de iogurtes (+89,1% ao ano entre 1980 e 2001).

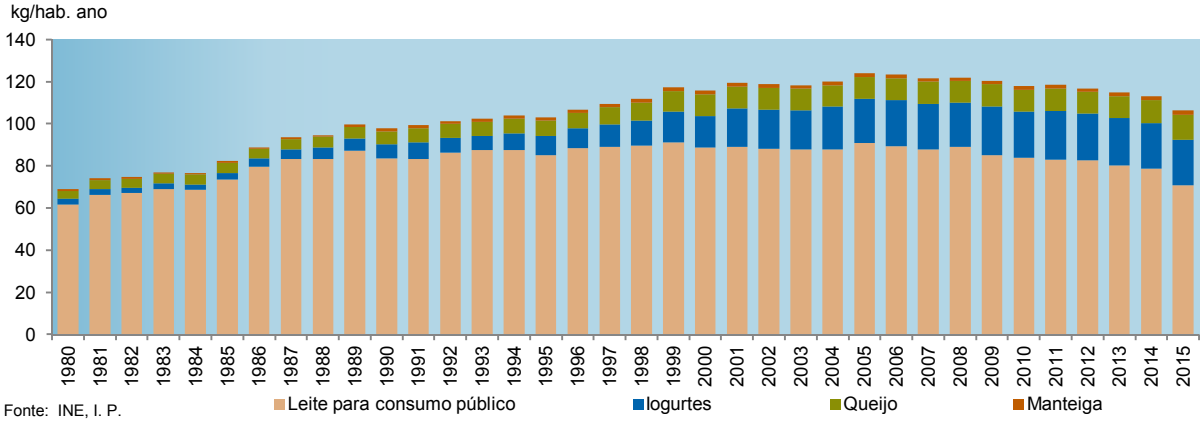
No queijo, verificou-se uma diminuição gradual do grau de autoaprovisionamento ao longo do período em análise, mas também com este produto se evoluiu da quase autossuficiência (grau de autoaprovisionamento médio de 96,8% entre 1980 e 1992) para uma produção nacional deficitária, resultante de um aumento do consumo superior aos acréscimos de produção (valor mínimo do grau de autoaprovisionamento de 69,6% atingido em 2015).

Em 2015, o consumo de leite em Portugal, foi de 71,0 kg/hab ano, o valor mínimo obtido desde 1985 e inferior em 11,7 kg ao consumo médio verificado no período 1980-2015. De realçar que a tendência de redução de consumo leite se iniciou em 2005 e continuou até 2015, a uma taxa média anual negativa de 2,4%.

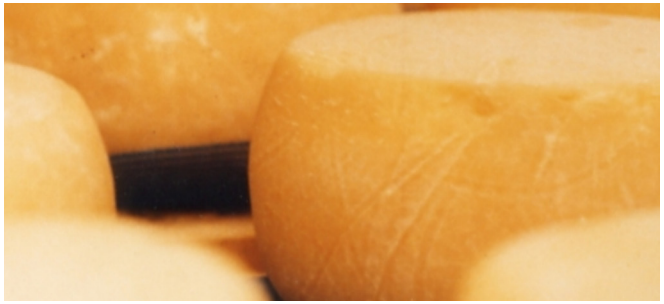
Os iogurtes foram o segundo produto lácteo mais consumido com 21,5 kg/hab ano em 2015, e o que teve o maior crescimento em termos de consumo (+18,9 kg/hab entre 1980 e 2011), apesar de ter decrescido, entre 2011 e 2015, 1,7 kg/hab.

O queijo e a manteiga, o terceiro e o quarto produtos lácteos mais consumidos, respetivamente 11,7 kg/hab ano e 2,0 kg/hab ano em 2015, tiveram também um aumento de consumo ao longo do período em análise (+1,3 kg/hab de manteiga e 7,9 kg/hab de queijo, entre 1980 e 2015).

Figura 22 >> Evolução do consumo de leite e produtos lácteos



Fonte: INE, I. P.

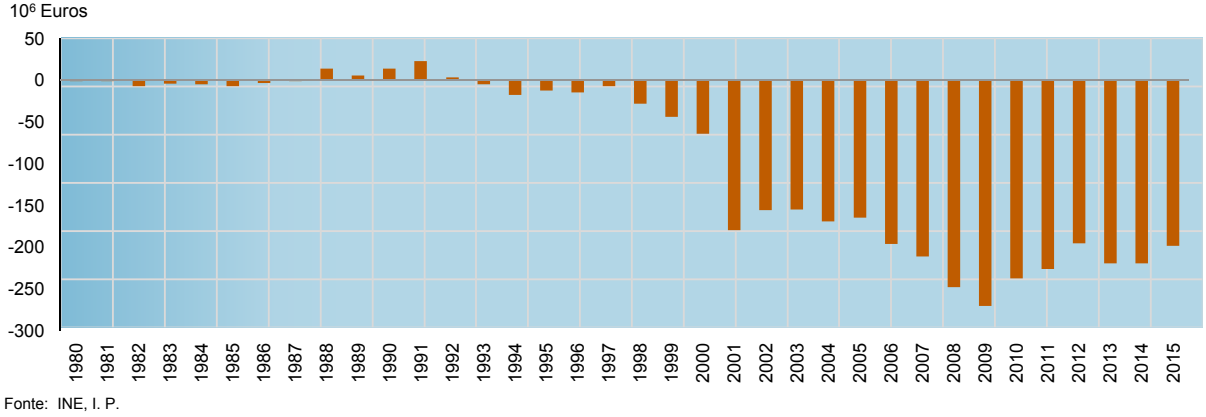


>> 6. Comércio Internacional de leite e produtos lácteos

• 6.1 Saldo da Balança Comercial de Leite e Produtos Lácteos

Desde 1993 que o saldo da balança comercial é negativo, fixando-se em 2015 nos 198,0 milhões de euros. A taxa de cobertura das importações pelas exportações foi de 58% em 2015.

Figura 23 >> Balança Comercial de Leite e Produtos Lácteos

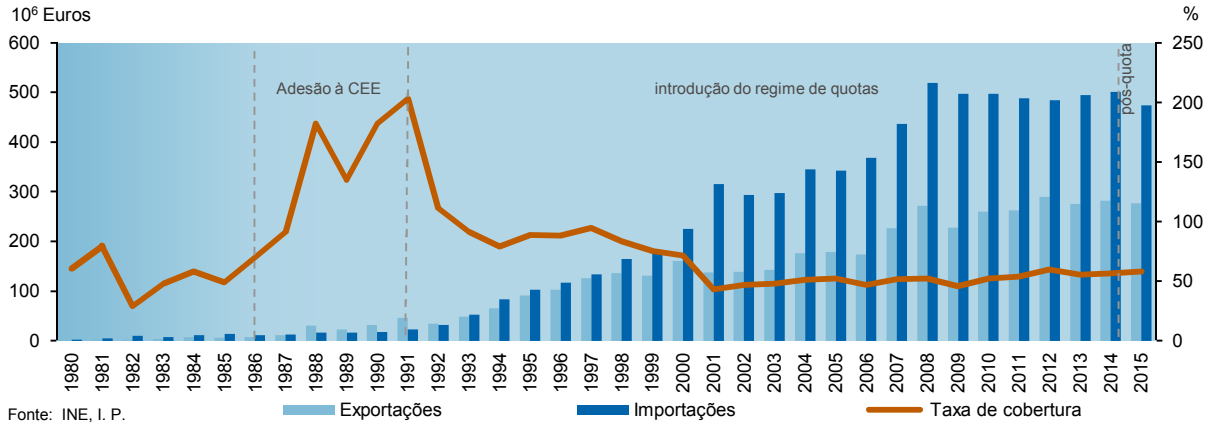


Fonte: INE, I. P.

Até à entrada de Portugal na CEE, o saldo da balança comercial do leite e dos produtos lácteos foi negativo, passando a positivo entre 1988 e 1992, com um máximo em 1991 de 23,3 milhões de euros.
A partir de 1993, o saldo da balança comercial tornou-se deficitário, decrescendo em média, entre 1992 e 2009, 29,1% ao ano. A partir de 2009, o défice diminuiu a um ritmo de 5,0% ao ano, situando-se em 2015 nos 198,0 milhões de euros.

• 6.2 Trocas comerciais de Leite e Produtos Lácteos por fluxo e produto

Figura 24 >> Importação e exportação de leite e produtos lácteos



Fonte: INE, I. P.

O valor das importações e exportações de leite e produtos lácteos, de 1980 até à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986, aumentaram, respetivamente, 9,3 e 6,7 milhões de euros, totalizando em 1986, respetivamente, 11,4 e 8,0 milhões de euros, apesar de representarem apenas 0,4% e 0,5% do valor das importações e exportações verificadas em 2015, o que denota o crescimento notável que o comércio internacional destes produtos apresentou nestes 36 anos.

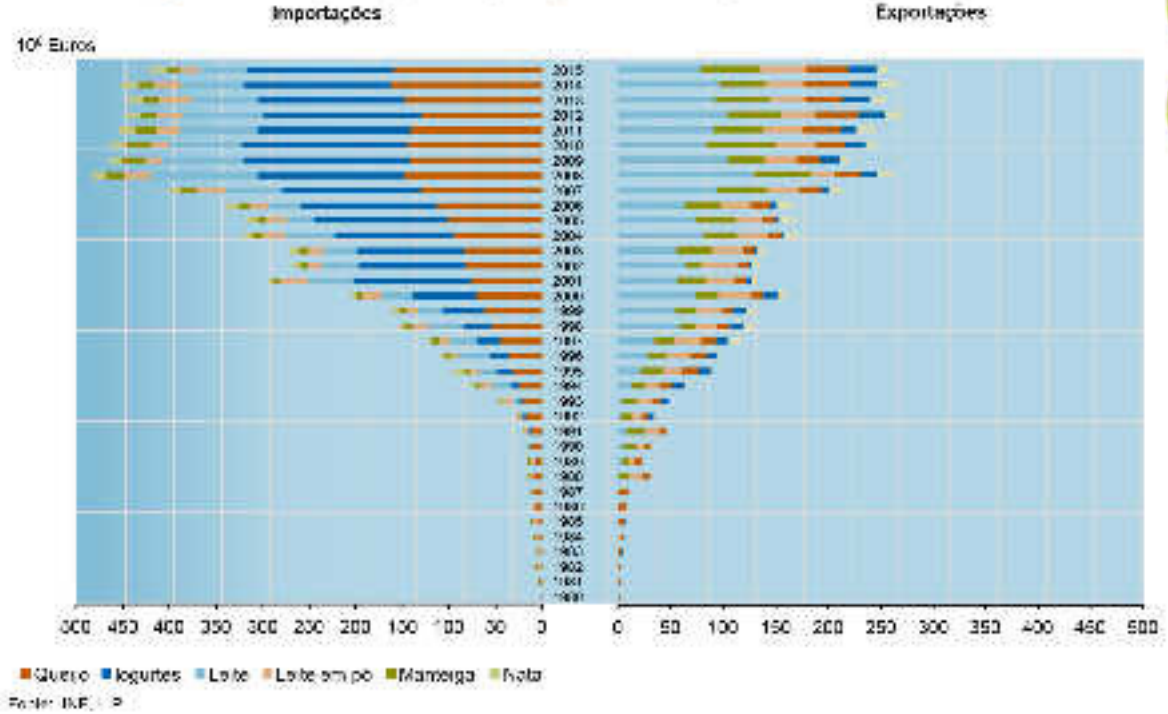
A partir da entrada de Portugal na CEE, e até à entrada em vigor das quotas leiteiras em 1991, tanto as importações como as exportações aumentaram, a uma taxa média anual de, respetivamente, 14,7% e 42,0%, realçando-se o maior crescimento apresentado pelas exportações. De notar que, neste período, se verificou o máximo da taxa de cobertura das importações pelas exportações (203% em 1991), o que traduziu também o período em que o saldo da balança comercial destes produtos foi positivo. De 1991 a 2001, no entanto, o valor das importações cresceu a um ritmo superior ao das exportações, com um acréscimo médio de 30,2% ao ano (+293,4 milhões de euros no total, totalizando em 2001 cerca de 316 milhões de euros), enquanto as exportações aumentaram, em média, 15,0% ao ano entre 1991 e 2000 (+115,2 milhões de euros, totalizando em 2000 cerca de 161 milhões de euros).

No período 2001-2008, tanto as importações como as exportações de leite e de produtos lácteos aumentaram a uma taxa média anual de 7,4% e 10,3%, respetivamente, com as importações a atingirem em 2008 o valor máximo dos 36 anos em análise (519,4 milhões de euros). Ainda neste período, a taxa de cobertura das importações pelas exportações foi em média, de 49%.

De 2009 a 2012, verificou-se o aumento das exportações de leite e produtos lácteos a uma taxa média anual de 8,5%, com um acréscimo total de 62,8 milhões de euros, atingindo-se em 2012 o valor máximo das exportações destes produtos dos 36 anos em análise (290,2 milhões de euros). Por sua vez, o valor das importações, entre 2009 e 2012, diminuiu 12,3 milhões de euros a uma taxa média anual negativa de 0,8%. Consequentemente, a taxa de cobertura das importações pelas exportações foi, em média, de 53%, aumentando 4 p.p. relativamente ao período 2001-2008.
Entre 2012 e 2014, no entanto, as importações voltaram a aumentar (+3,4%), enquanto as exportações decresceram 2,7%. Em 2015, ambos os fluxos apresentaram decréscimos face a 2014 (-5,3% e -2,1%, respetivamente), totalizando as importações cerca de 474 milhões de euros e as exportações cerca de 276 milhões de euros.

A partir de 2014, a importação de queijo volta a liderar o valor das transações de leite e produtos lácteos, substituindo os iogurtes.

Figura 25 >> Importação e exportação de leite e produtos derivados, em valor



Na importação de produtos lácteos, o queijo foi entre 1986 e 2001, o produto lácteo com maior peso no valor total das importações destes produtos, representando, em média, neste período 43,2%, enquanto, de 1980 a 1985, os produtos que mais se destacaram em valor foram o leite em pó (média de 34,1%) e a manteiga (média de 23,5%). Também em volume, o leite em pó foi, entre 1980 e 1985, o produto lácteo mais importante, representando, em média, neste período 40,4% das quantidades importadas destes produtos, o que se justifica pelo facto do leite em pó ter sido utilizado para recombinação e produção de leite líquido para consumo. A partir do final dos anos 80, no entanto, este produto foi gradualmente perdendo importância, com o desenvolvimento da produção nacional de leite e da sua articulação com a indústria de laticínios em Portugal, representando apenas 2,5% das quantidades importadas de produtos lácteos em 2015.

Com o aumento das importações de iogurtes, entre 1986 e 2001, a uma taxa média anual de 86,4% (+125,9 milhões de euros), estes produtos lácteos ganharam importância na estrutura do valor das importações passando de 0,1% em 1986 para 39,9% em 2001, tornando-se neste ano o produto lácteo com maior peso no valor total, posição que manteve até 2014, ano em que o queijo retomou o primeiro lugar (32,5% versus 31,4% dos iogurtes), em resultado do decréscimo do valor das importações de iogurtes (-6,8% entre 2012 e 2014) e do aumento do valor das importações de queijo (+25,9% no mesmo período). Em 2015, os iogurtes representavam 33,3% (158,1 milhões de euros) do valor total das importações de leite e produtos lácteos e o queijo também 33,3% (158,0 milhões de euros).

Entre 1980 e 2008, verificou-se um aumento do valor das importações de leite a uma taxa média anual de 47,7%, totalizando 113,0 milhões de euros em 2008. A partir desse ano, e até 2015, o valor das importações do leite variou a uma taxa média anual negativa de 10,2%, com o ano de 2015 a registar um valor de importação de 53,4 milhões de euros, representando este produto 11,3% do valor total das importações de leite e produtos lácteos nesse ano.

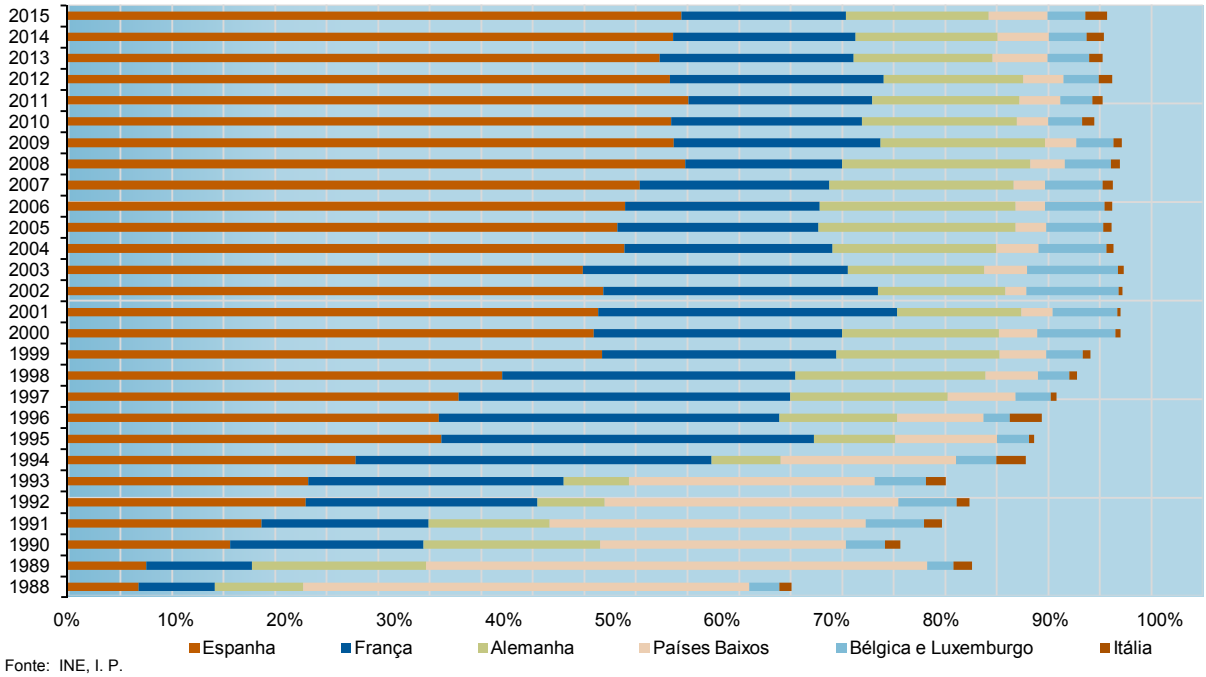
Quanto às exportações de leite e produtos lácteos, Portugal transacionou essencialmente leite nos últimos anos, representando este produto mais de metade das quantidades exportadas de produtos lácteos a partir de 1994, com um peso máximo nas quantidades totais de 83,5% em 2002, situando-se nos 68,1% em 2015. Em termos do valor das exportações do leite, tornou-se a partir de 1995 o produto com maior peso no valor total (23,6%), com um máximo de 47,9% em 2008 (130,3 milhões de euros) atingindo 28,2% em 2015 (78,0 milhões de euros). No período em análise, realça-se que os maiores decréscimos nos valores exportados de leite ocorreram em 2001 (-17, 1 milhões de euros, -23,5% face a 2000), 2009 (-26,9 milhões de euros, -20,6% face a 2008), 2010 (-18,9 milhões de euros, -18,3% face a 2009) e em 2015 (-17,8 milhões de euros, -18,6 face a 2014).

Em termos de valor de produto exportado, entre 1980 e 1987, o queijo foi o produto mais representativo, representando, em média, 73,0% do valor total. De 1988 até 1994, no entanto, o leite em pó e a manteiga dominaram o valor das exportações, detendo, em média, 29,0% e 30,8%, respetivamente, do valor total de exportações de produtos lácteos nesse período (peso máximo do leite em pó no valor total exportado, 36,5%, foi atingido em 1988 e da manteiga, 40,8%, foi atingido em 1990). A partir de 1995 foram ultrapassados pelo leite, mantendo a sua importância até 2015, ano em que o leite em pó deteve 16,2% (44,9 milhões de euros) e a manteiga 20,4% (56,3 milhões de euros) do valor total.

Tendo em conta que, em 2015, a produção de leite nacional aumentou 0,7% face a 2014 e que o consumo de leite decresceu 9,9%, o excedente de leite que não foi escoado para consumo público (-10,1%) resultou no aumento de produção de leite em pó (+38,7%) e de manteiga (+14,8%), o que justifica o aumento das quantidades exportadas destes produtos em 2015 (respetivamente, +93,8% e +40,9%, face a 2014) e dos respetivos valores (respetivamente, +26,1% e +25,1%). No caso do leite em pó, as variações observadas em 2015 face a 2014 foram as maiores registadas quer nas quantidades exportadas quer no valor das exportações deste produto desde 1988.

• 6.3 Trocas comerciais de Leite e Produtos Lácteos por país e produto

Figura 27 >> Principais países de origem do valor das importações nacionais de leite e derivados



Fonte: INE, I. P.

Desde 1995 que Espanha é o principal fornecedor a Portugal de leite e produtos lácteos, representando, em média, 49,4% do valor total das importações entre 1995 e 2015 (máximo de 56,9 % em 2011). O valor das importações provenientes deste país aumentou, entre 1988 e 2008, a uma taxa média anual de 32,2% (294,0 milhões de euros em 2008). Realça-se que Espanha foi a principal origem de todos os produtos lácteos em 2015: 70,5% do valor das importações de iogurtes, 62,6% do leite, 73,6% do leite em pó, 62,2% da manteiga, 87,5% da nata e 40,1% do queijo.

França e Alemanha surgem na segunda e terceira posições, representando, em média, 21,5% e 14,0%, respetivamente, do valor total das importações, entre 1988 e 2015. De França, em 2015, Portugal importou 13,6% do valor total das importações de iogurtes, 30,3% do leite, 12,3% da manteiga e 14,8% do queijo. Da Alemanha importou, no mesmo ano, 12,3% do valor total das importações de iogurtes, 5,4% do leite em pó, 10,3% da manteiga e 19,2% do queijo.

Figura 28 >> Importação por produto lácteo e país de origem

Iogurtes						
	1995		2005		2015	
Total	**17 424 727**		**143 757 808**		**158 105 722**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	10 677 696	61,3	79 793 556	55,5	111 483 226	70,5
França	3 755 953	21,6	33 316 251	23,2	21 444 555	13,6
Alemanha	2 803 703	16,1	26 709 774	18,6	19 512 445	12,3

Leite						
	1995		2005		2015	
Total	**19 355 214**		**28 794 488**		**53 381 221**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	8 252 387	42,6	20 555 792	71,4	33 402 008	62,6
França	10 837 145	56,0	5 113 489	17,8	16 189 518	30,3

Leite em pó						
	1995		2005		2015	
Total	**9 758 553**		**22 592 796**		**19 831 167**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	2 847 413	29,2	4 360 854	19,3	14 595 503	73,6
Países Baixos	910 556	9,3	3 373 991	14,9	2 319 491	11,7
Alemanha	381 178	3,9	3 053 647	13,5	1 078 098	5,4
França	2 656 238	27,2	3 264 375	14,4	688 362	3,5
Polónia	0	0,0	4 833 325	21,4	242 289	1,2
Lituânia	0	0,0	1 890 222	8,4	113 196	0,6
Irlanda	1 249 632	12,8	418 612	1,9	10 618	0,1
República Checa	758 242	7,8	328 515	1,5	0	0,0

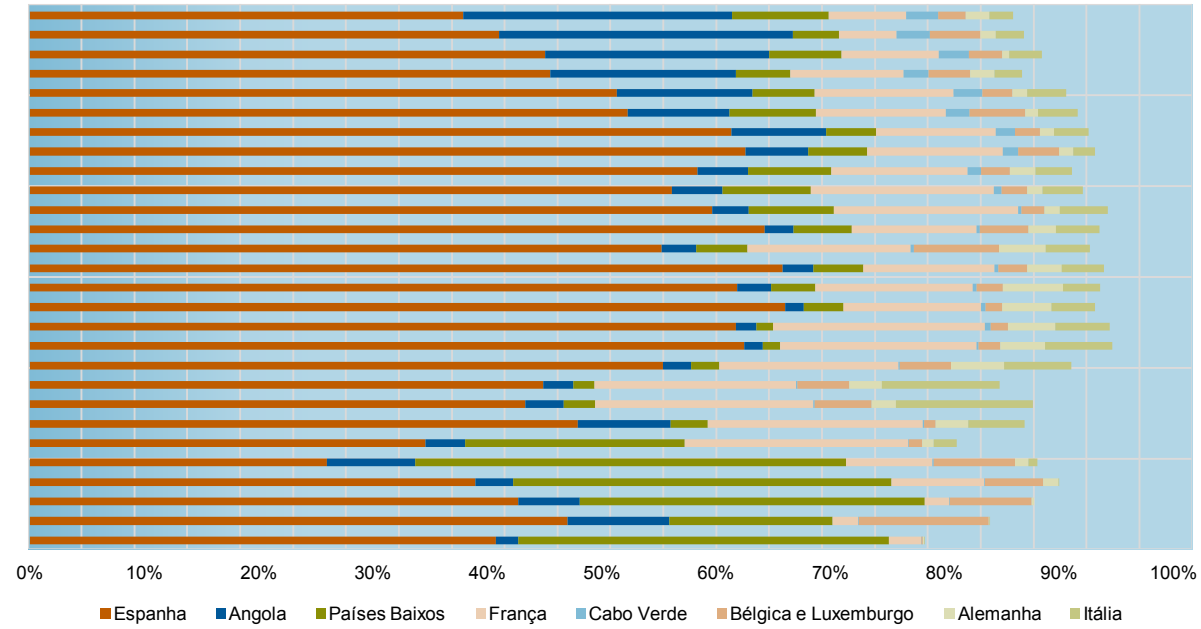
Manteiga						
	1995		2005		2015	
Total	**5 304 329**		**9 847 119**		**14 147 442**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	1 690 704	31,9	5 932 494	60,2	8 802 503	62,2
Bélgica	1 086 712	20,5	136 351	1,4	1 861 492	13,2
França	172 344	3,2	3 062 880	31,1	1 741 132	12,3
Alemanha	2 570	0,0	123 641	1,3	1 457 777	10,3
Reino Unido	1 364 982	25,7	521 922	5,3	86 763	0,6

Nata						
	1995		2005		2015	
Total	**12 055 552**		**11 542 983**		**19 648 839**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	2 592 297	21,5	8 748 555	75,8	17 193 023	87,5
França	9 171 419	76,1	120 864	1,0	1 004 649	5,1
Itália	105 621	0,9	4 604	0,0	816 557	4,2
Alemanha	144 745	1,2	2 591 728	22,5	569 281	2,9

Queijo						
	1995		2005		2015	
Total	**31 420 547**		**101 192 179**		**157 961 204**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	5 463 206	17,4	43 878 287	43,4	63 275 667	40,1
Alemanha	3 345 358	10,6	23 363 513	23,1	30 329 226	19,2
França	7 342 036	23,4	16 415 182	16,2	23 410 342	14,8
Países Baixos	6 821 201	21,7	5 410 423	5,3	15 208 362	9,6
Itália	333 155	1,1	1 924 966	1,9	7 799 137	4,9
Bélgica e Luxemburgo	1 603 767	5,1	4 256 490	4,2	4 943 881	3,1

Fonte: INE, I. P.

Figura 29 >> Principais países de destino do valor das exportações nacionais de leite e derivados



Fonte: INE, I. P.

Entre 1994 e 2015, Espanha foi igualmente o principal cliente do leite e produtos lácteos nacionais, detendo, em média, e para o período 1994-2008, 57,7% do valor total das exportações destes produtos, atingindo em 2008 o valor máximo (170,3 milhões de euros). A partir de 2008, com o reforço das exportações com destino a Angola, Espanha foi perdendo importância na estrutura de valor das exportações, passando de 62,6% do valor total das exportações destes produtos em 2008 para 37,9% em 2015. Este decréscimo foi também observado em termos absolutos, já que as exportações de leite e produtos lácteos para Espanha decresceram, entre 2008 e 2015, 65,6 milhões de euros a uma taxa média anual negativa de 6,7%, totalizando 104,7 milhões de euros em 2015.

O valor das exportações de leite e produtos lácteos para Angola começou a aumentar a partir de 2002 (entre 2002 e 2008 aumentou 11,2 milhões de euros a uma taxa média anual de 26,1%) e com maior expressão a partir de 2008 (+57,5 milhões de euros entre 2008 e 2014 a uma taxa média anual de 30,2%), passando em 2012 a ser o segundo destino mais importante das exportações destes produtos com 16,2% do valor total, posição que manteve até 2015 com 23,5% do total do valor das exportações.

Espanha foi o principal destino das exportações nacionais de leite (72,9% do valor total exportado em 2015), leite em pó (29,4% em 2015), manteiga (29,8% em 2015, quando em 2005 representava apenas 8,5% e o principal destino foi França com 56,6%).

Angola foi o principal destino das exportações de iogurtes em 2015 (76,7% do valor total exportado, totalizando 20,8 milhões de euros, quando representava apenas 0,4% em 1995 e 29,8% em 2005), assim como de nata (57,7% do valor total, equivalente a 6,8 milhões de euros) e de queijo (33,1% do valor total, equivalente a 13,0 milhões de euros). Destacam-se ainda as exportações de leite para Angola, que representaram 19,0% do valor total exportado de leite em 2015 (14,8 milhões de euros).

Figura 30 >> Exportações por produto lácteo e país de destino

Iogurtes						
	1995		2005		2015	
Total	**11 649 573**		**3 365 962**		**27 052 453**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Angola	44 805	0,4	1 001 874	29,8	20 762 286	76,7
Cabo Verde	4 496	0,0	43 221	1,3	1 758 490	6,5
Espanha	9 216 815	79,1	423 952	12,6	1 418 522	5,2
França	2 111 925	18,1	1 485 272	44,1	229 370	0,8
Leite						
	1995		2005		2015	
Total	**21 554 658**		**72 680 304**		**78 013 014**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	21 180 542	98,3	71 377 713	98,2	56 877 927	72,9
Angola	293 768	1,4	879 803	1,2	14 797 881	19,0
Cabo Verde	19 888	0,1	216 413	0,3	3 859 889	4,9
Leite em pó						
	1995		2005		2015	
Total	**17 836 427**		**25 516 714**		**44 852 205**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	5 168 056	29,0	7 683 560	30,1	13 183 783	29,4
Países Baixos	504 098	2,8	4 440 767	17,4	12 716 023	28,4
Itália	4 675 972	26,2	6 979 432	27,4	4 393 449	9,8
Angola	810 728	4,5	327 061	1,3	3 477 631	7,8
França	4 184 417	23,5	3 508 796	13,8	2 044 549	4,6
Manteiga						
	1995		2005		2015	
Total	**20 564 046**		**38 641 949**		**56 312 225**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Espanha	1 205 316	5,9	3 268 704	8,5	16 768 502	29,8
França	10 075 982	49,0	21 875 936	56,6	11 740 700	20,8
Países Baixos	632 935	3,1	7 262 636	18,8	9 946 350	17,7
Angola	894 618	4,4	655 153	1,7	4 054 106	7,2
Alemanha	1 542 536	7,5	1 791 781	4,6	3 285 815	5,8
Bélgica e Luxemburgo	3 301 571	16,1	2 572 813	6,7	3 123 749	5,5
Itália	2 761 483	13,4	11 161	0,0	0	0,0
Nata						
	1995		2005		2015	
Total	**1 181 797**		**17 270 933**		**11 783 823**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Angola	211 433	17,9	177 877	1,0	6 804 481	57,7
Espanha	454 658	38,5	16 651 973	96,4	3 273 684	27,8
França	18	0,0	229 927	1,3	650 959	5,5
Cabo Verde	10 183	0,9	54 778	0,3	271 068	2,3
Itália	473 248	40,0	1 376	0,0	647	0,0
Queijo						
	1995		2005		2015	
Total	**16 200 383**		**12 966 984**		**39 346 136**	
Dos quais	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%	Valor (Euros)	%
Angola	629 827	3,9	2 611 157	20,1	13 027 273	33,1
Espanha	861 584	5,3	1 848 895	14,3	5 013 540	12,7
Estados Unidos	2 640 300	16,3	1 461 071	11,3	3 702 058	9,4
França	956 875	5,9	1 555 828	12,0	3 543 504	9,0
Reino Unido	2 658 158	16,4	1 529 627	11,8	603 563	1,5
Itália	2 935 895	18,1	68 273	0,5	67 308	0,2

Fonte: INE, I. P.

• 6.4 Trocas comerciais de Leite por Classificação de Atividade Económica

Figura 31 >> Importações de leite e produtos lácteos por principais importadores, segundo a CAE

De 1988 a 1994, os operadores económicos com maior peso no valor total de importações de leite e produtos lácteos pertenciam ao "Comércio por grosso de leite, seus derivados e ovos" (18,8% do valor total das importações em 1994). No entanto, o "Comércio a retalho em supermercados e hipermercados" ganhou importância em termos do valor das importações dos seus operadores a partir de 1990, detendo, inclusive, a maior representatividade no valor total das importações nos períodos 1995-1999 (em média, responsável por 26,3% do valor total) e 2005-2011 (em média, responsável por 32,5% do valor total). De 2012 a 2015, o "Comércio por grosso de leite, seus derivados e ovos" voltou a liderar o valor de importações, representando, em média, 37% do valor total importado neste período.

Quanto às exportações, os operadores da "Indústria do leite e derivados" e "Comércio por grosso de leite, seus derivados e ovos", foram responsáveis, entre 1988 e 2015, por mais de metade do valor de exportações de leite e produtos lácteos (valor médio de 64,8% no período em análise), chegando a representar 74,5% em 2008.

>> 7. Empresas de criação de bovinos para a produção de leite e indústrias de leite e derivados

O setor da produção de leite foi dividido em dois grandes grupos da Classificação da Atividade Económica (CAE Rev.3). O grupo da produção animal, onde se incluiu a subclasse 01410 - Criação de bovinos para produção de leite, e o grupo das indústrias alimentares, que incluiu a subclasse 10510 - Indústrias do leite e derivados.

• 7.1 Empresas de criação de bovinos para a produção de leite - principais indicadores económicos

No período 2010-2014, estas empresas apresentavam taxas médias de variação anual positivas do número de empresas, do pessoal ao serviço, do Volume de Negócios (VVN), VAB, EBE, enquanto no mesmo período o total das empresas não financeiras apresentaram resultados negativos. Pelo contrário a produtividade do trabalho (média de 19,1 mil euros/pessoa) e os gastos com o pessoal por pessoa (5,1 mil euros) foram menores, comparativamente com o total das empresas não financeiras.

A subclasse 01410 - Criação de bovinos para produção de leite teve em 2014 cerca de 4 163 empresas em atividade, correspondente a 0,4% do total de empresas do setor não financeiro e a 21% do total de empresas do grupo da produção animal. Constituídas maioritariamente por empresários individuais, estas unidades produtivas tiveram ao serviço 5 842 pessoas, mais 1 292 das pessoas empregadas neste setor, face a 2010. A dimensão destas empresas é pequena (1,4 pessoas ao serviço por empresa em 2014 que compara com 3,1 pessoas no total das empresas não financeiras no mesmo ano).

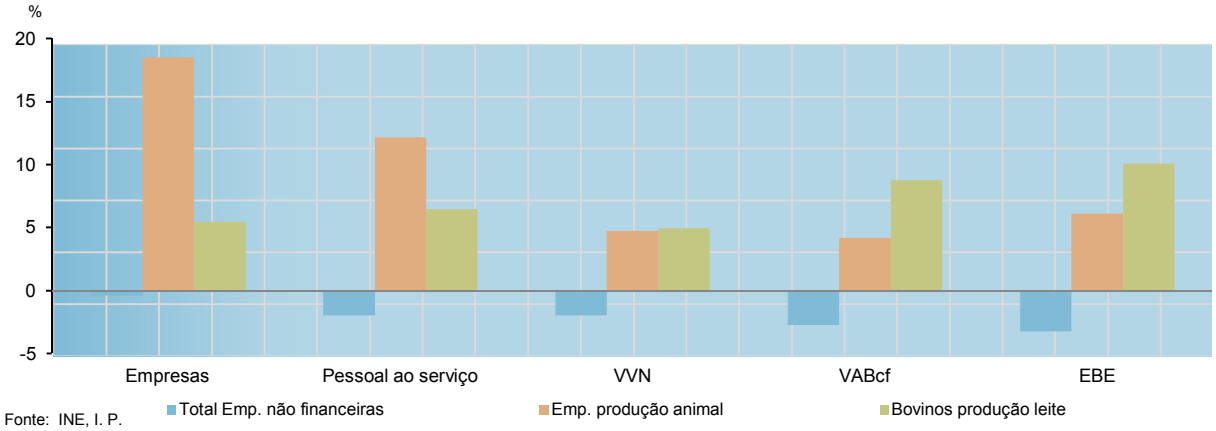
Figura 33 >> Principais indicadores do setor da produção animal

Tipo de empresas	Ano	Empresas	Pessoal ao Serviço		VVN	VABcf	EBE	Formação Bruta de Capital Fixo	Produtividade aparente do trabalho	Gastos com o Pessoal por pessoa ao serviço	Peso dos gastos com o pessoal no VABcf	Taxa de investimento
		TOTAL	TOTAL	Mulheres								
		n.º		%	10^3 Euros				10^3		%	
Total	2014	1 127 317	3 445 226	42,2	322 637 129	76 253 845	31 694 705	12 832 245	22,1	12,9	58,4	16,8
	2013	1 097 492	3 373 518	42,0	317 333 214	73 230 428	29 562 308	11 577 471	21,7	12,9	59,6	15,8
	2012	1 064 299	3 401 181	41,5	319 767 028	73 115 469	28 490 445	10 704 769	21,5	13,1	61,0	14,6
	2011	1 112 702	3 627 639	41,2	341 046 330	79 467 602	31 613 544	15 785 241	21,9	13,2	60,2	19,9
	2010	1 144 564	3 727 488	40,6	349 084 286	85 120 210	36 185 312	18 303 705	22,8	13,1	57,5	21,5
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		-0,4	-1,9	0,9	-2,0	-2,7	-3,3	-8,5	-0,8	-0,4	0,4	-5,9
014 Produção animal	2014	19 794	27 593	35,4	1 626 350	359 013	231 576	111 748	13,0	4,6	35,5	31,1
	2013	16 629	24 226	34,9	1 567 283	308 551	185 525	85 344	12,7	5,1	39,9	27,7
	2012	10 700	18 298	32,0	1 558 305	316 569	194 061	108 795	17,3	6,7	38,7	34,4
	2011	10 820	18 327	32,6	1 454 824	271 383	146 704	81 589	14,8	6,8	45,9	30,1
	2010	10 038	17 433	32,3	1 352 434	304 540	182 736	115 230	17,5	7,0	40,0	37,8
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		18,5	12,2	2,3	4,7	4,2	6,1	-0,8	-7,1	-9,8	-2,9	-4,8
Peso da Produção Animal no Total de Empresas em 2014 (%)		1,8	0,8		0,5	0,5	0,7	0,9				
01410 Criação de bovinos para produção de leite	2014	4 163	5 842	31,2	304 433	111 317	81 689	31 116	19,1	5,1	26,6	28,0
	2013	4 162	5 748	31,5	303 635	95 759	67 122	22 974	16,7	5,0	29,9	24,0
	2012	3 517	5 042	28,6	296 207	93 411	65 536	24 079	18,5	5,5	29,8	25,8
	2011	3 663	4 978	27,7	293 433	87 231	59 842	18 317	17,5	5,5	31,4	21,0
	2010	3 364	4 550	27,5	251 164	79 605	55 673	27 913	17,5	5,3	30,1	35,1
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		5,5	6,4	3,3	4,9	8,7	10,1	2,8	2,2	-0,9	-3,0	-5,5
Peso da Criação de bovinos para produção de leite na Produção animal em 2014 (%)		21,0	21,2		18,7	31,0	35,3	27,8				

Fonte: INE, I. P.

O valor de faturação foi, em 2014, da ordem dos 304 milhões de euros (taxa de variação média anual no período 2010--2014 de 4,9%). O Valor Acrescentado Bruto (VAB) cresceu a uma taxa de variação média anual de 8,7%, ascendendo, em 2014 a 111 milhões de euros. No mesmo ano, o Excedente Bruto de Exploração (EBE) fixou-se nos 82 milhões de euros, apresentando uma evolução média anual positiva de 10,1%.

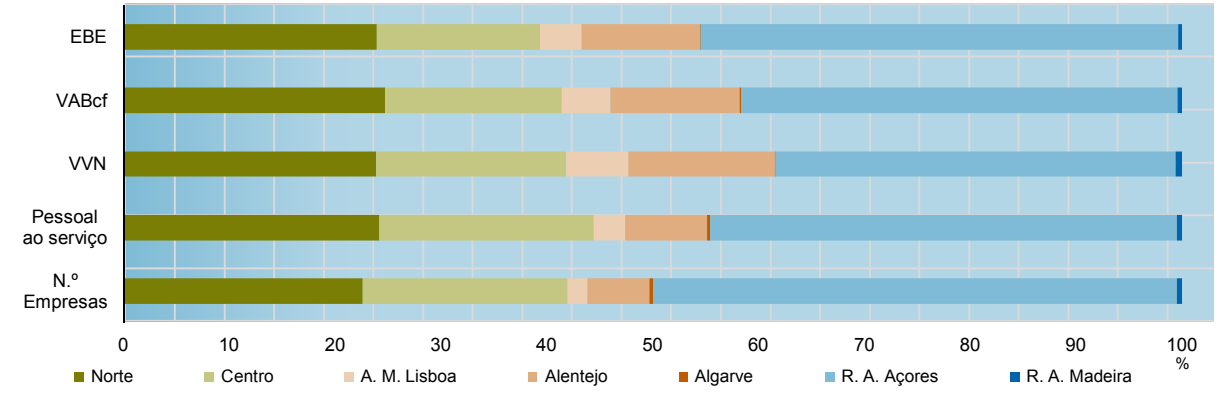
Figura 34 >> Comparação das Taxas de variação média anual de indicadores económicos do Total de empresas não financeiras, da Produção Animal e da Criação de bovinos para produção de leite, 2010-2014



Fonte: INE, I. P.

Regionalmente, a R. A. Açores foi em 2014 a mais representativa para a maioria dos indicadores económicos (49% do nº de empresas, 44% do pessoal ao serviço, 48% das mulheres, 38% do valor de faturação, 41% do VAB e 45% do excedente bruto de exploração), apresentando contudo o 2º mais baixo peso de despesas com pessoal justificado pelo facto de apresentar um sistema de produção menos intensivo. A região Norte foi a que apresentou maior valor de Formação Bruta de Capital Fixo (38%) e de taxa de investimento (44%).

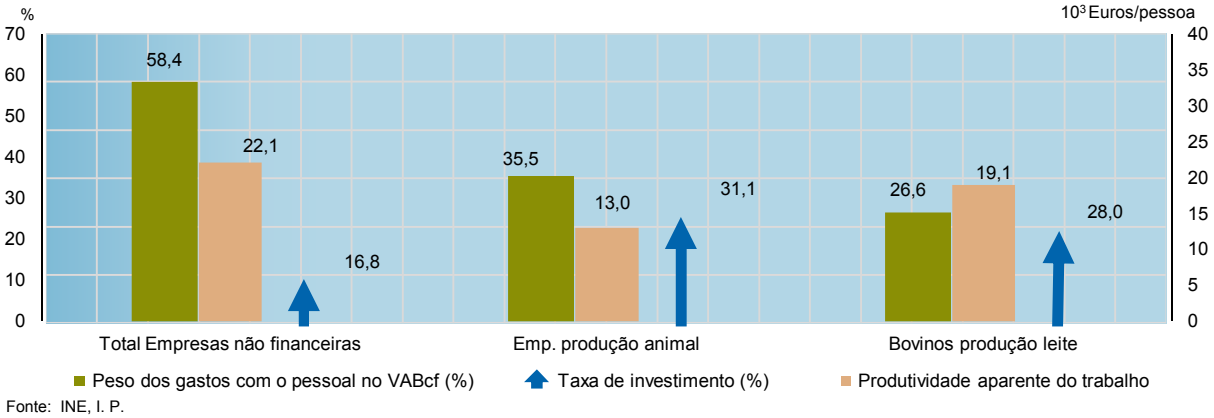
Figura 35 >> Estrutura regional dos principais indicadores económicos das empresas de bovinos de produção de leite, 2014



Fonte: INE, I. P.

A taxa de investimento, apesar de ter diminuído 7,1 p.p., no período em análise, foi quase duas vezes superior em 2014 à verificada para o total das empresas não financeiras (28,0% face a 16,8%).

Figura 36 >>Comparação de Indicadores económicos do Total de empresas não financeiras, da Produção Animal e da Criação de bovinos para produção de leite, 2014

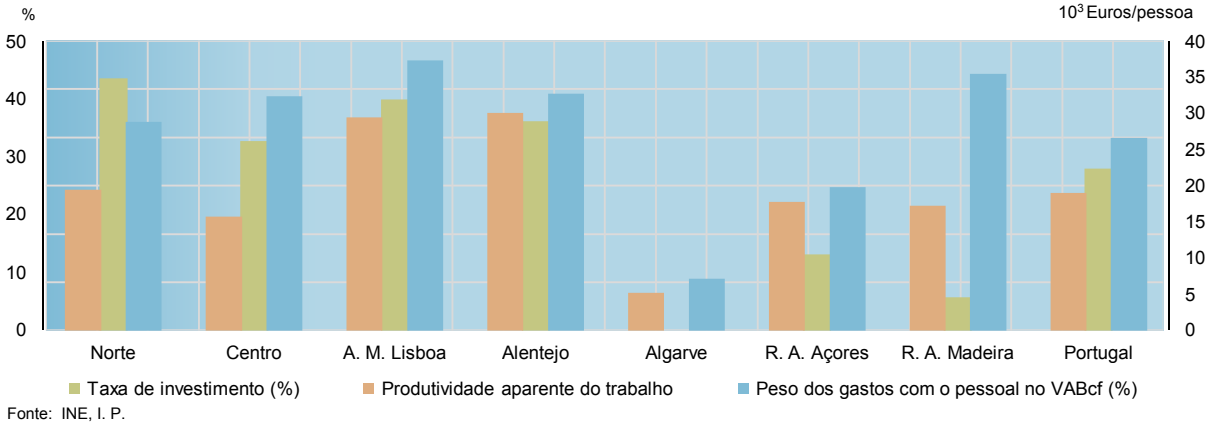


Fonte: INE, I. P.

O acréscimo médio anual da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) nestas unidades foi de 2,8%, contrariando os decréscimos observados para o total das empresas não financeiras (-8,5%) e para as empresas da produção animal (-0,8%).

Ao longo do período em análise, esta atividade revelou baixos níveis de produtividade do trabalho e de gastos com o pessoal por pessoa ao serviço, respetivamente, 19,1 mil e 5,1 mil euros por pessoa em 2014, que compara com o total das empresas não financeiras, onde estes indicadores apresentaram, respetivamente, valores de 22,1 mil e 12,9 mil euros por pessoa. No entanto, se compararmos com os valores de 2014 do grupo de empresas da produção animal (produtividade do trabalho de 13,0 mil euros e gastos com o pessoal por pessoa ao serviço 4,6 mil euros), as unidades de criação de bovinos leiteiros apresentaram valores superiores relativamente aos dois indicadores.

Figura 37 >> Indicadores económicos das empresas de bovinos de leite por região, 2014



Fonte: INE, I. P.

Regionalmente, a análise às empresas classificadas na criação de bovinos leiteiros revela diferentes tipos de realidade: em 2014 as unidades situadas no Alentejo, Lisboa, e Norte apresentaram taxas de investimento (36,2% e 40,0% e 43,6%, respetivamente) claramente acima da média nacional (28%). A produtividade do trabalho apresentada pelas mesmas (30,1, 29,5 e 19,5 mil euros/pessoa, respetivamente) também superou o valor de Portugal (19,1 mil euros/pessoa). Estes indicadores refletem a intensidade, grau de industrialização e qualidade dos efetivos das unidades destas regiões.

A R.A. Açores, onde existe um sistema de produção de bovinos leiteiros menos intensivo, com recurso ao pastoreio extensivo, apresenta um peso dos gastos com o pessoal nitidamente inferior (19,8%) ao das duas principais bacias leiteiras do Continente (Norte com 28,9% e Centro com 32,4%).

• 7.2 Indústria e leite e derivados - principais indicadores económicos

Este setor apresentou entre 2010-2014 taxas médias de variação anual positivas do VVN, enquanto no mesmo período o total das empresas não financeiras apresentaram resultados negativos. As variações negativas observadas para o número de empresas, pessoal ao serviço, VAB e EBE foram mais acentuadas quando comparadas com o total das empresas não financeiras.

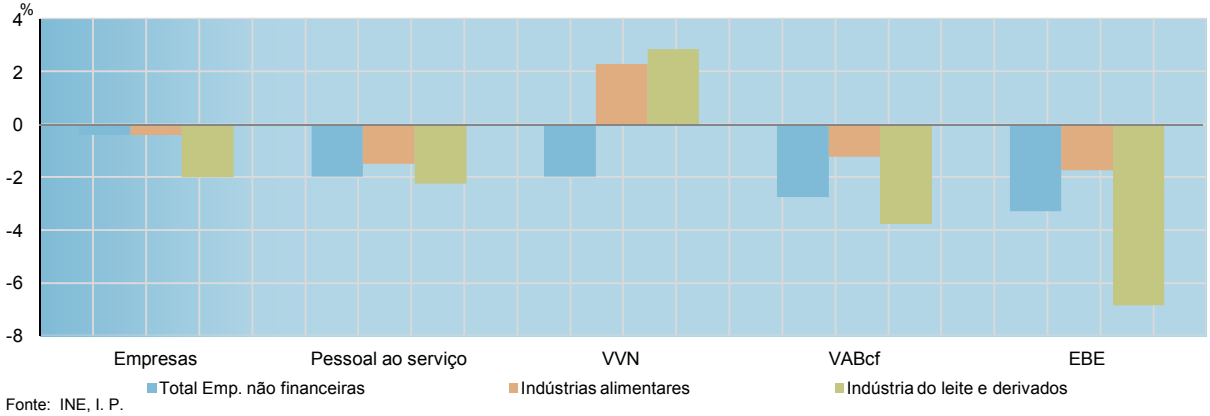
Em 2014, esta indústria empregava mais de 5 500 trabalhadores distribuídos por 324 empresas. Estas eram maioritariamente sociedades com uma dimensão média de 17,4 pessoas ao serviço e com elevados níveis de produtividade do trabalho (34,8 mil euros/pessoa) e gastos com o pessoal por pessoa ao serviço na ordem dos 19 mil euros.

Figura 38 >> Principais indicadores do setor da Indústria de lacticínios

Tipo de empresas	Ano	Empresas	Pessoal ao Serviço		VVN	VABcf	EBE	Formação Bruta de Capital Fixo	Produtividade aparente do trabalho	Gastos com o Pessoal por pessoa ao serviço	Peso dos gastos com o pessoal no VABcf	Taxa de investimento
		TOTAL	TOTAL	Mulheres								
		n.º		%	10^3 Euros				10^3		%	
Total	2014	1 127 317	3 445 226	42,2	322 637 129	76 253 845	31 694 705	12 832 245	22,1	12,9	58,4	16,8
	2013	1 097 492	3 373 518	42,0	317 333 214	73 230 428	29 562 308	11 577 471	21,7	12,9	59,6	15,8
	2012	1 064 299	3 401 181	41,5	319 767 028	73 115 469	28 490 445	10 704 769	21,5	13,1	61,0	14,6
	2011	1 112 702	3 627 639	41,2	341 046 330	79 467 602	31 613 544	15 785 241	21,9	13,2	60,2	19,9
	2010	1 144 564	3 727 488	40,6	349 084 286	85 120 210	36 185 312	18 303 705	22,8	13,1	57,5	21,5
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		-0,4	-1,9	0,9	-2,0	-2,7	-3,3	-8,5	-0,8	-0,4	0,4	-5,9
10 Indústrias alimentares	2014	9 289	89 978	48,5	12 039 218	2 028 334	756 690	387 573	22,5	14,1	62,7	19,1
	2013	9 208	88 189	48,9	11 945 515	1 975 557	743 949	359 132	22,4	14,0	62,3	18,2
	2012	9 165	90 936	49,3	11 802 262	1 918 825	658 664	345 830	21,1	13,9	65,7	18,0
	2011	9 322	94 135	49,1	11 760 087	2 021 506	705 036	419 119	21,5	14,0	65,1	20,7
	2010	9 428	95 428	48,8	10 984 373	2 127 510	810 207	418 024	22,3	13,8	61,9	19,6
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		-0,4	-1,5	-0,2	2,3	-1,2	-1,7	-1,9	0,3	0,6	0,3	-0,7
10510 Indústria do leite e derivados	2014	324	5 650	47,8	1 476 698	196 339	88 513	38 717	34,8	19,1	54,9	19,7
	2013	343	5 667	47,7	1 412 974	202 943	97 237	29 884	35,8	18,7	52,1	14,7
	2012	329	5 845	49,6	1 343 844	185 557	77 367	24 036	31,7	18,5	58,3	13,0
	2011	342	6 084	49,3	1 337 226	206 818	94 438	41 513	34,0	18,5	54,3	20,1
	2010	351	6 177	48,4	1 317 508	228 726	117 494	36 364	37,0	18,0	48,6	15,9
Tx. var média anual 2010-2014 (%)		-2,0	-2,2	-0,3	2,9	-3,7	-6,8	1,6	-1,6	1,5	3,1	5,5
Peso da Indústria do leite e derivados no Total de Indústrias alimentares em 2014 (%)		3,5	6,3		12,3	9,7	11,7	10,0				

Fonte: INE, I. P.

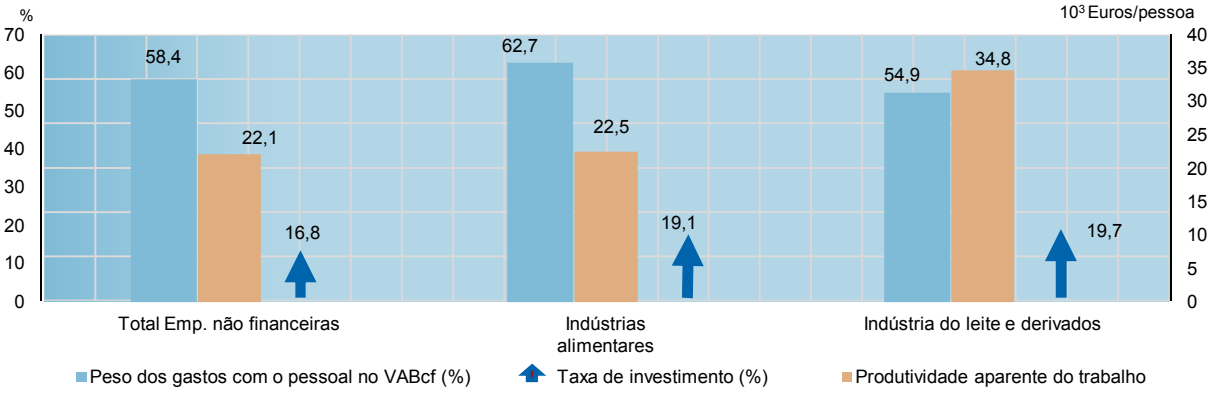
Figura 39 >> Comparação das Taxas de variação média anual de indicadores económicos do Total de empresas não financeiras, Indústrias alimentares e da Indústria do leite e derivados, 2010-2014



Fonte: INE, I. P.

Em 2014, a subclasse 01510 - Indústria do leite e derivados tinha 324 empresas em atividade, menos 27 unidades produtivas que em 2010, correspondente a 0,03% do total de empresas do setor não financeiro e 3,5% do total de empresas do grupo das indústrias alimentares. Constituídas maioritariamente por sociedades, estas unidades produtivas davam emprego a 5 650 pessoas, menos 527 das pessoas empregadas em 2010 neste setor. A sua dimensão (com 17,4 pessoas ao serviço por empresa em 2014) foi superior quer à das empresas não financeiras (com 3,1 pessoas no total) quer à dimensão média das empresas do setor alimentar (com 9,7 pessoas no total no mesmo ano).

Figura 40 >> Comparação de Indicadores do Total de empresas não financeiras, Indústrias alimentares e da Indústria do leite e derivados, 2014



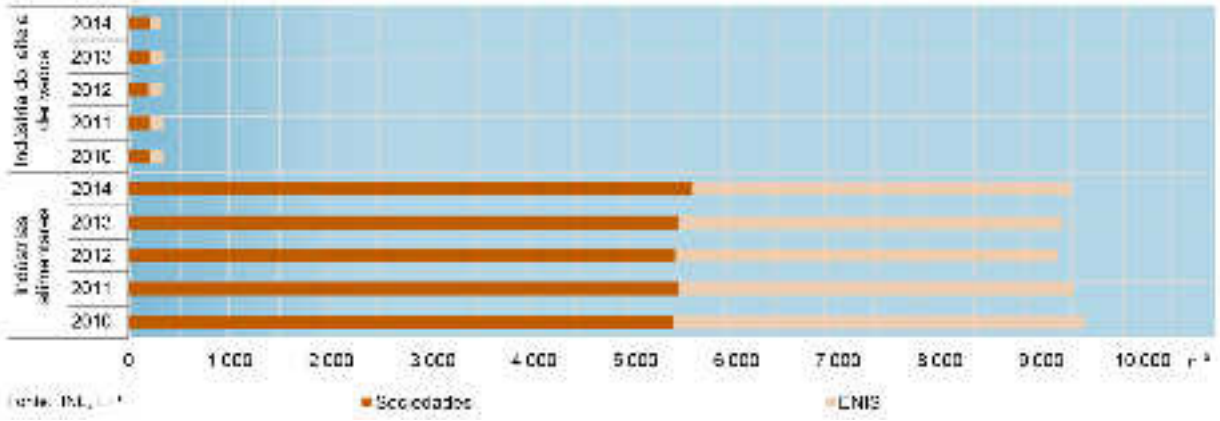
Fonte: INE, I. P.

A taxa de investimento, que aumentou 3,8 p.p. no período em análise, foi superior em 2014 à verificada para o total das empresas não financeiras (19,7% face a 16,8%) e idêntica à registada no setor da indústria alimentar (19,7% face a 19,1%).

O acréscimo médio anual da FBCF nestas unidades foi de 1,6%, contrariando os decréscimos observados para o total das empresas não financeiras (-8,5%) e para as empresas da indústria alimentar (-1,9%).

Ao longo do período em análise, esta atividade revelou elevados níveis de produtividade do trabalho e de gastos com o pessoal por pessoa ao serviço, respetivamente, 34,8 mil e 19,1 mil euros por pessoa em 2014, que compara com o total das empresas não financeiras, onde estes indicadores apresentaram, respetivamente, valores de 22,1 mil e 12,9 mil euros por pessoa. Da mesma forma, a comparação com os valores de 2014 do grupo de empresas das indústrias alimentares (produtividade do trabalho de 22,5 mil euros e gastos com o pessoal por pessoa ao serviço 14,1 mil euros), evidencia valores superiores para o setor do leite e derivados relativamente aos dois indicadores.

Figura 41 >> Empresas das indústrias alimentares - Indústria do leite e derivados



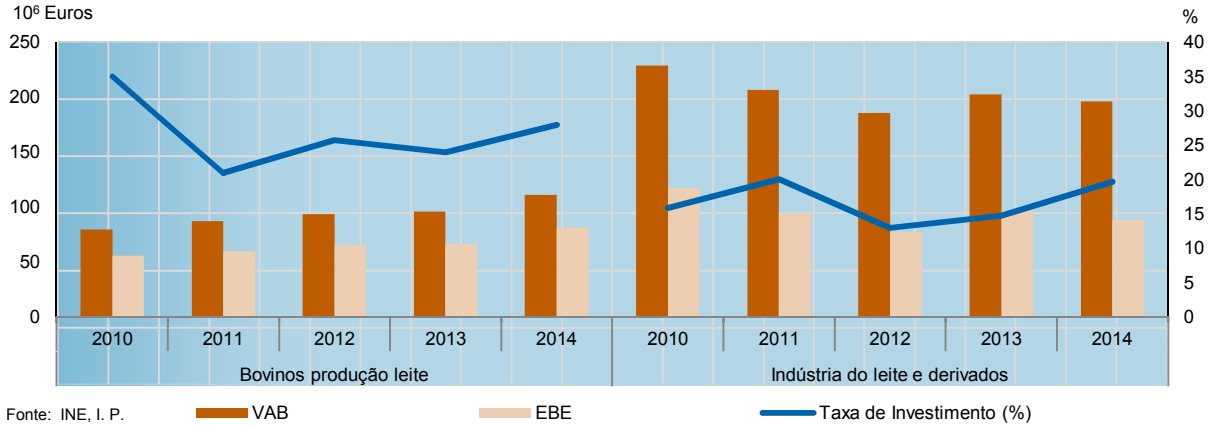
Empresas Indústria

Empresas Bovinos

Em termos de número, o setor do leite e derivados perdeu 27 unidades no período em análise. Assistiu-se, no entanto, a um aumento do peso das sociedades não financeiras, que em 2014 constituíam já 65,0% do total de empresas nesta atividade. Este peso é superior ao registado pelas sociedades nas Indústrias alimentares, que não ultrapassaram os 60% no mesmo ano.

Numa análise comparada das empresas nos setores da criação de bovinos de leite e da indústria de laticínios, entre 2010 e 2014, são notórias as diferenças quer no número de unidades (muito superior na primeira) quer na estrutura: na criação de bovinos leiteiros são os empresários em nome individual (ENIS) que constituem, em média, cerca de 91% das empresas em atividade, enquanto na indústria de laticínios apenas 40%, em média, das unidades são detidas por ENIS..

Figura 43 >> VAB, EBE e Taxa de investimento
Bovinos produção de leite - Indústria do leite e derivados



Fonte: INE, I. P.

Em 2014, a atividade na indústria de laticínios foi a que mais pessoal ao serviço do sexo feminino empregou (47,8% em 2014), ainda assim um pouco inferior à das indústrias alimentares (48,5%), mas nitidamente superior às explorações de bovinos leiteiros (31,2%), valor inferior ao registado no grupo da produção animal (35,4%).

Em termos de evolução, o VAB e o EBE gerados pela produção de bovinos de leite cresceu consistentemente entre 2010 e 2014, atingindo um máximo em 2014 (VAB de 111 milhões de euros e EBE de 82 milhões de euros).

A taxa de investimento decresceu de forma significativa em 2011, tendo apresentado alguma recuperação em 2012, seguida de nova baixa, o que poderá estar relacionado com o mau ano de produção leiteira, voltando a recuperar em 2014 (taxa de investimento de 28%), facto ao qual não será alheio o aumento de produção e dos preços à produção.

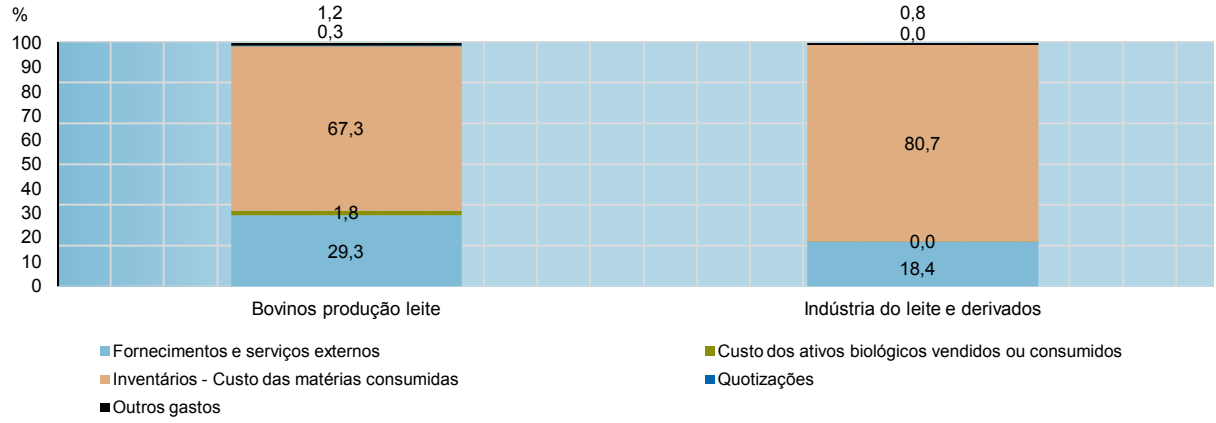
No que respeita à indústria do leite e derivados, a evolução dos indicadores analisados reflete o efeito da crise económica e a contração da procura interna, com a despesa de consumo final das famílias a diminuir e a promover um menor consumo de laticínios, especialmente no período 2010-2012. Nestes anos, o VAB e EBE decresceram, tendo atingido valores mínimos em 2012. A partir de 2013 assistiu-se a alguma recuperação da produção refletida no aumento destes dois indicadores, bem como da taxa de investimento, que atingiu um máximo em 2014 (19,7%).

• 7.3 Estrutura de custos - Empresas de criação de bovinos para a produção de leite e das indústrias de leite e derivados

Os custos com as matérias-primas consumidas no período 2010-2014 foram a principal despesa das empresas de produção de bovinos leiteiros e da indústria de leite e derivados, tendo representado em média 67,3% e 80,7% dos custos totais. Ao longo deste período a importância deste custo foi reforçada em 1,6 p.p. na estrutura das empresas de criação de bovinos de leite e em 3,6 p.p. na indústria de leite e derivados.

A rubrica mais importante na estrutura de gastos das atividades da produção de bovinos de leite é o custo das matérias-primas consumidas (inclui rações), que contabiliza 67,3% do total de gastos, seguida dos Fornecimentos e serviços externos (inclui serviços veterinários, eletricidade e água, seguros e rendas), com 29,3% e do Custo dos ativos biológicos (custo com a aquisição de animais), com 1,8%.

Figura 44>> Estrutura de custos das empresas no setor leiteiro, média 2010-2014



Fonte: INE, I. P.

Na indústria, o custo das matérias-primas consumidas é também o que mais pesa (80,7%). Em segundo lugar estão os gastos Fornecimentos e serviços externos (18,4%), sendo as restantes rubricas residuais.

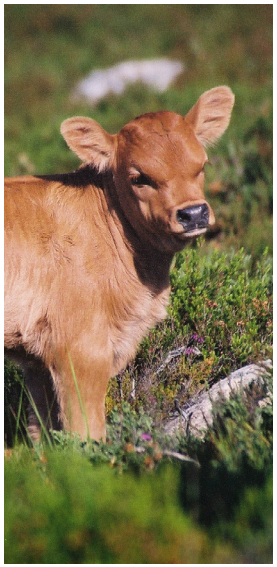
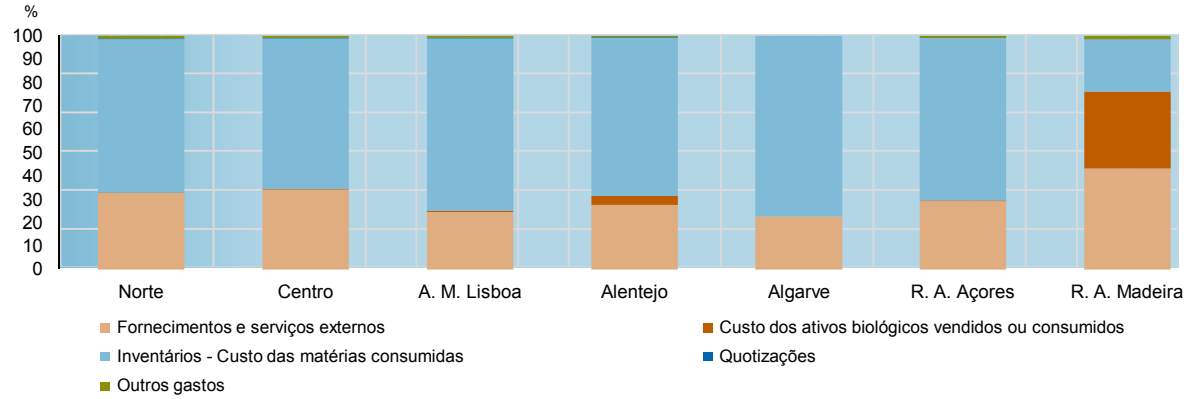


Figura 45 >> Estrutura regional dos custos das empresas de bovinos de produção de leite, 2014



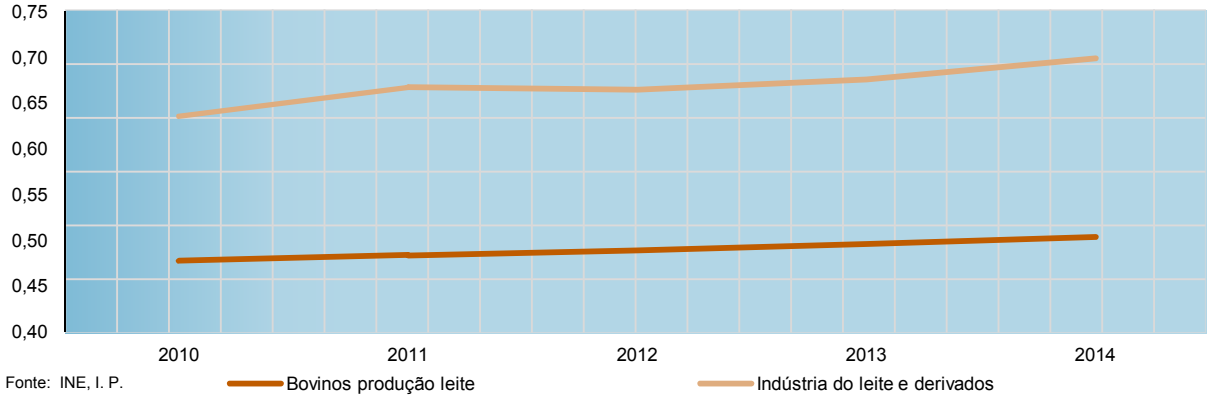
Fonte: INE, I. P.

A estrutura regional dos custos das explorações de bovinos de leite é relativamente homogénea em todas as regiões, exceto para a R. A. Madeira, onde os custos com ativos biológicos e o fornecimento de serviços tiveram um peso superior ao custo das matérias-primas.

A importância dos custos com matérias-primas consumidas no total dos gastos das atividades aumentou (+1,6 p.p.), entre 2010 e 2014, nas empresas de criação de bovinos de leite, o mesmo tendo acontecido com a indústria de laticínios, mas de forma mais significativa (+3,6 p.p.). O contributo dos gastos com fornecimento de serviços externos no total também aumentou nas explorações de bovinos leiteiros (+1,4 p.p.), enquanto nas indústrias de laticínios o peso desta rubrica no total diminuiu 2,9 p.p..

A análise ao rácio custo das matérias-primas/unidade de volume de negócios faz destacar a indústria de leite e derivados em que para produzir uma unidade são necessárias 0,7 unidades de consumo intermédio. Este rácio tem vindo a crescer desde 2010, enquanto nas empresas de criação de bovinos de leite se tem mantido o que veio reforçar a dependência do custo das matérias-primas da indústria de leite e derivados face aos custos das empresas de criação de bovinos leiteiros.

Figura 46 >> Custo das matérias consumidas por unidade de Volume de Negócios

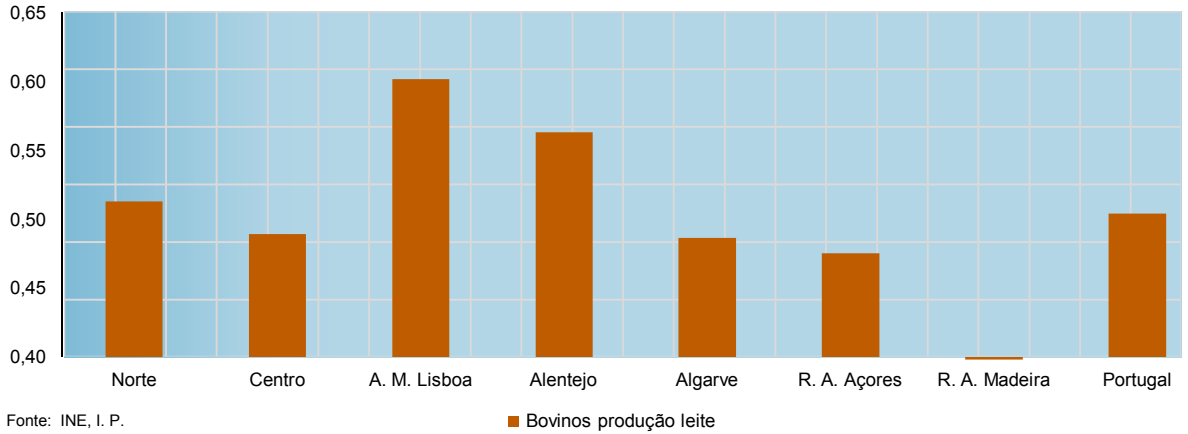


Fonte: INE, I. P.

A atividade de criação de bovinos de leite teve menores custos com matérias-primas consumidas por unidade de volume de negócios comparativamente com a indústria de leite e derivados. Apesar das rações constituírem o principal encargo nos sistemas de produção de bovinos leiteiros, na indústria de laticínios os custos com as matérias-primas geraram valores mais elevados neste rácio.

A evolução no período 2010-2014 foi mais ténue no caso das explorações de bovinos (de 0,48 em 2010 a 0,50 em 2014) mas crescente, a que não será alheio o aumento do preço dos alimentos compostos para vacas leiteiras registado nesse período. Na indústria, este rácio apresentou um aumento entre 2010 e 2012, ano em que se registou um ligeiro decréscimo, para voltar a agravar-se nos dois anos seguintes (0,64 em 2010 a 0,70 em 2014).

Figura 47 >> Custo das matérias consumidas por unidade de Volume de Negócios por região, 2014



Fonte: INE, I. P.

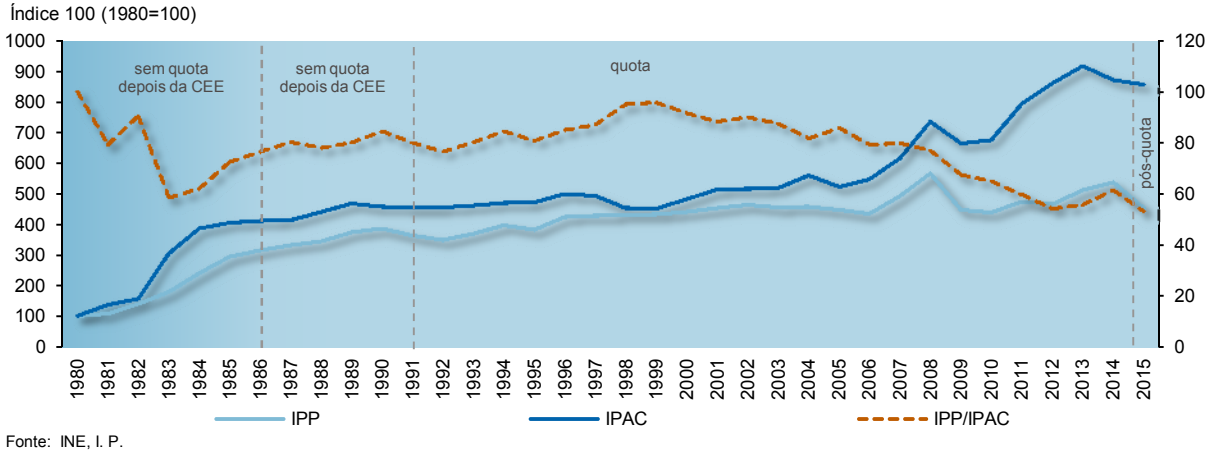
A análise regional deste rácio na criação de bovinos de leite permite destacar a R.A. Açores, em que por se tratar de um sistema de produção mais extensivo, comparativamente com regiões em que esta atividade assume também importância (sobretudo as bacias leiteiras do Norte e Centro, mas também Lisboa e Alentejo), teve menores custos com matérias-primas consumidas por unidade de volume de negócios.

>> 8. Preços e índices de preços

Preços na cadeia de produção do leite de vaca

2015 foi o ano mais desfavorável para os produtores de vacas leiteiras dos últimos 36 anos.

Figura 48 >> Evolução dos índices de preços ao produtor e alimentos para animais



Fonte: INE, I. P.

Antes da entrada de Portugal na CEE verificou-se um aumento quer do índice de preços à produção do leite de vaca (IPP) quer do índice de preços dos alimentos compostos para vacas leiteiras (IPAC), tendo este apresentado uma taxa de variação média anual entre 1980 e 1986 de 26,6%, superior à registada no IPP (21,1%). No período seguinte, entre 1986 e 1991, quando entra em vigor o regime de quotas leiteiras, o comportamento destes índices revela também uma tendência média anual de crescimento, mas menos acentuada (5,2% para o IPP, entre 1986 e 1990 e 4,4% para o IPAC, entre 1986 e 1989).

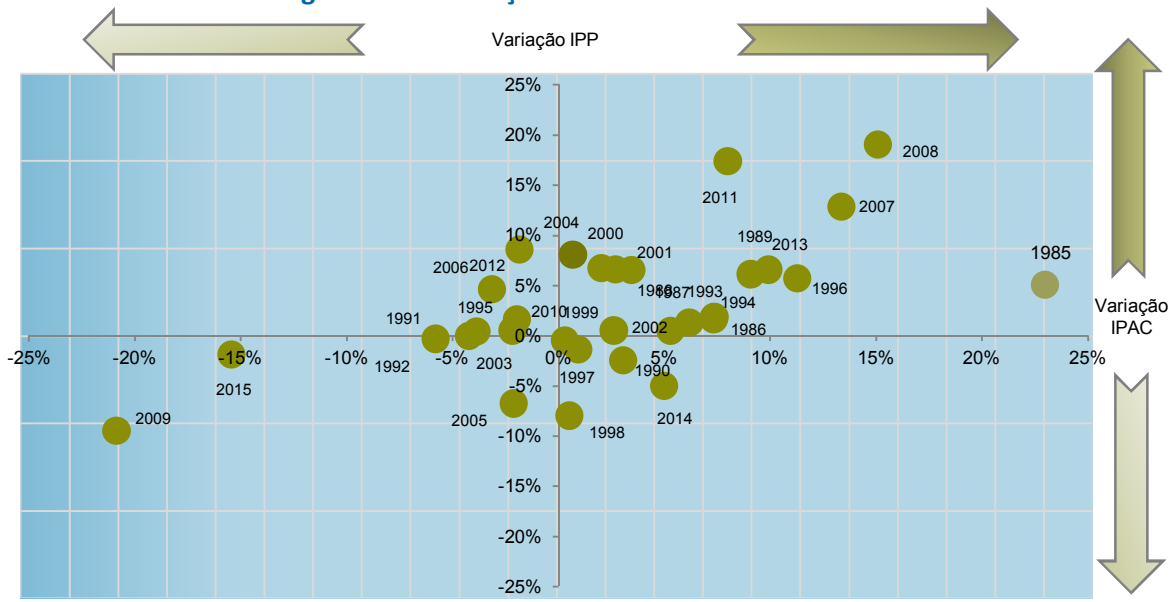
Durante o período de aplicação das quotas leiteiras, entre 1991 e 2005/2006, registou-se a maior estabilidade quer a nível do IPP quer do IPAC. Realça-se que a partir de 2005 o IPAC refletiu a crise do custo das matérias-primas a nível internacional, o que justifica a variação significativa observada entre 2005 e 2008 neste índice (+12,0%, em média, por ano). Como consequência do aumento do preço das matérias-primas, o preço à produção de leite de vaca aumentou também, com uma variação média anual, entre 2006 e 2008, de 14,3%. Em 2009, o decréscimo de 9,5% do custo das matérias-primas foi acompanhado por uma redução ainda mais substancial do preço à produção do leite de vaca (-20,9% face a 2008).

Em 2011 sucedeu uma nova subida acentuada do IPAC (+17,4%), em resultado da má campanha agrícola a nível mundial para as principais matérias-primas que foi acompanhada por um crescimento menos acentuado do IPP (+8,0%). A partir deste ano e até 2014, o IPAC apresentou variações menos acentuadas que o IPP (+3,2%, em média, por ano para o IPAC e +4,2%, em média, por ano para o IPP).

Em 2014 e 2015, na fase final do sistema de quotas que se efetivou em Abril 2015, o IPAC registou reduções anuais homólogas de 5,0% e 1,9%, respetivamente. Nestes dois anos, o índice de preços da produção aumentou 5,0% em 2014 e reduziu-se 15,5% em 2015.

A evolução do rácio IPP/IPAC, que desde 1998 decresceu a um ritmo médio anual de 3,4%, reflete a degradação verificada nos preços à produção dos criadores de bovinos leiteiros. Após 36 anos, este rácio atingiu em 2015 um nível de 0,53, refletindo a situação mais desfavorável para o produtor neste período.

Figura 49 >> Variação do IPAC e IPP do leite de vaca

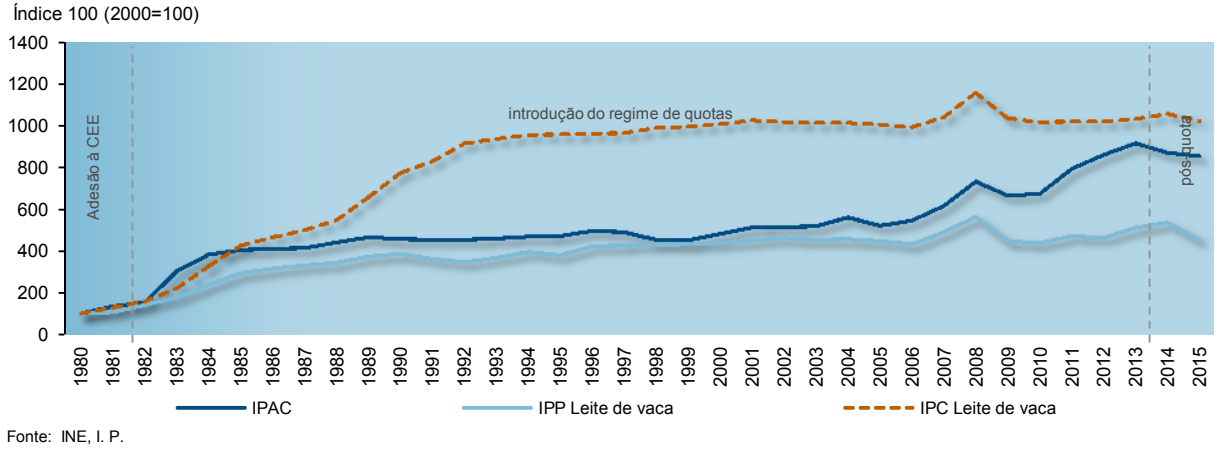


Fonte: INE, I. P.

Preços na cadeia de comercialização do leite de vaca

Entre 1980 e 1991, o índice de preços ao consumidor do leite de vaca (IPC) aumentou substancialmente a uma taxa média anual de 21,2%. Entre 2009 e 2015, manteve alguma estabilidade, não refletindo a maior volatilidade registada pelo índice de preços à produção de leite de vaca (IPP).

Figura 50 >> Índices de preços do leite de vaca



Fonte: INE, I. P.

No período anterior à entrada em vigor das quotas leiteiras em Portugal, entre 1980 e 1991, o índice de preços ao consumidor do leite de vaca (IPC) aumentou substancialmente a uma taxa média anual de 21,2%, sendo notório a maior variação deste índice, face à manutenção do índice de preços à produção de leite de vaca (IPP), entre 1986 e 1991. Entre 1992 e 2001, no entanto, os acréscimos do IPC foram mais moderados, variando +1,3% em média ao ano, registando entre 2001 e 2006 decréscimos também moderados, a um ritmo de 0,7%, em média, ao ano

À semelhança da evolução do IPAC e do IPP, também o IPC do leite de vaca apresentou um pico em 2008, como consequência da crise do custo das matérias-primas a nível internacional, com uma variação positiva de 16,7% entre 2006 e 2008, infletindo em 2009 com um decréscimo de 10,5% face a 2008. No período subsequente, entre 2009 e 2015, o IPC deste produto manteve alguma estabilidade, não refletindo a maior volatilidade registada pelo índice de preços à produção de leite de vaca. Realça-se que, em 2014, o IPP aumentou 5,0% face ao ano anterior e o IPC aumentou 2,6% no mesmo período. Contudo em 2015, o IPP decresceu 15,5% face a 2014 e o decréscimo registado pelo IPC do leite de vaca não foi tão expressivo (-3,3%).

>> 9. Informação 2016

Informação previsional para 2016 em Portugal e na UE10

Constrangimentos

Os principais constrangimentos em 2016 decorrem das variações negativas de maior amplitude do índice de preços à produção de leite quando comparadas com a evolução do índice de preços dos alimentos para animais. Esta menor variação relativa dos preços na produção pode refletir a pressão exercida pela grande distribuição (expressa pela menor volatilidade das variações do índice de preços ao consumidor) que afeta a distribuição do rendimento pela cadeia de valor.

Apesar do aumento global da produção de leite na UE10 no 1.º semestre de 2016, no caso dos pequenos países como Portugal, observou-se uma diminuição da recolha de leite. Esta redução poderá condicionar negativamente o nível de eficiência anteriormente alcançado na produção de leite e acentuar os constrangimentos associadas às bacias leiteiras nacionais que incluem, nomeadamente, o facto de se situarem em regiões de minifúndio e ultraperiféricas no contexto europeu.

Refira-se ainda que, de acordo com os dados disponíveis a indústria de leite e derivados, quer a nível nacional quer da UE, está a aumentar o fabrico de leite em pó magro e, inerentemente, a produção de manteiga, únicos produtos suscetíveis de recurso à intervenção pública prevista na Organização Comum de Mercado (OCM) do leite.

A Produção de leite

Figura 51 >> Evolução da recolha de leite na UE10, Portugal e Polónia

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Máximo (2006-2015)	Mínimo (2006-2015)	Variação 2016/2015 (1.º semestre) (%)
Bélgica	2 837	2 879	2 849	2 954	3 067	3 446	3 412	3 475	3 689	3 988	3 988	2 837	4,8
Dinamarca	4 492	4 515	4 586	4 741	4 818	4 787	4 916	5 025	5 113	5 270	5 270	4 492	4,7
Alemanha	26 821	27 321	27 466	28 248	28 659	29 339	29 702	30 301	31 375	31 878	31 878	26 821	3,7
Iralnda	5 225	5 225	5 090	4 928	5 327	5 537	5 380	5 560	5 816	6 585	6 585	4 928	10,3
Grécia	731	703	690	684	688	638	664	652	619	612	731	612	-15,0
França	22 909	22 982	23 815	22 845	23 375	24 631	24 536	23 989	25 309	25 373	25 373	22 845	0,0
Itália	10 193	10 265	10 489	10 560	10 408	10 260	10 004	10 397	11 024	10 641	11 024	10 004	2,2
Luxemburgo	255	259	265	271	282	281	277	287	306	333	333	255	16,3
Holanda	10 626	10 737	10 936	11 469	11 626	11 642	11 676	12 213	12 473	13 326	13 326	10 626	12,6
Polónoa	8 813	8 734	9 112	9 136	8 990	9 296	9 843	9 921	10 581	10 869	10 869	8 734	5,1
Portugal	1 851	1 836	1 890	1 869	1 824	1 837	1 855	1 777	1 863	1 928	1 928	1 777	-3,7
Reino Unido	13 920	13 647	13 350	13 233	13 584	13 804	13 591	13 687	14 829	15 194	15 194	13 233	-1,6
UE 10	**99 663**	**100 168**	**101 273**	**101 718**	**103 583**	**105 705**	**105 660**	**107 137**	**111 976**	**114 482**	**31 878**	**255**	**3,4**

Efetivamente, tendo por base a informação recolhida no 1.º. semestre de 2016, a recolha de leite aumentou 3,4% na UE10 (análise dos resultados do 1.º semestre dos últimos anos indica que o 2.º semestre é, por norma, mais produtivo). Esta evolução resulta dos aumentos da recolha de leite nos países tradicionalmente produtores de produtos lácteos, uma vez que os EM com menor volume relativo de produção diminuíram o volume de entradas nos centros de recolha. De facto, Portugal, apresentou uma redução do volume de leite recolhido no 1.º semestre de 3,7%, que no conjunto dos EM da UE10, só foi suplantada pela Grécia (-15,0%).

O Efetivo leiteiro

A taxa de variação homóloga relativa às vacas abatidas no 1.º semestre de 2016 aponta para um decréscimo de 12,3% na UE10, mas para um aumento da mesma amplitude em Portugal, visando o controlo do efetivo leiteiro, o que poderá no futuro amplificar a contração da produção de leite.

Os preços

Figura 52 >> Variação trimestral homóloga do IPP e IPAC

	IPP				IPAC			
	1.º trim 2015	2.º trim 2015	1.º trim 2016	2.º trim 2016	1.º trim 2015	2.º trim 2015	1.º trim 2016	2.º trim 2016
	%							
Bélgica	-30,4	-28,8	-12,3	-18,7	-6,5	-8,8	-7,5	-7,4
Dinamarca	-26,1	-21,9	-0,7	-12,8	-5,3	-5,7	-2,6	-2,8
Alemanha	-25,1	-23,5	-9,9	-19,3	-6,0	-8,5	-2,1	-5,4
Irlanda	-20,6	-24,0	-16,8	-16,7	-5,3	-5,1	0,6	-1,3
Grécia	0,8	0,5	-2,8	-5,0	1,6	0,3	-0,1	-1,1
França	-19,8	-11,9	-6,3	-3,9	-6,0	-6,3	-2,7	-5,7
Itália	-10,4	-10,4	-7,8	-8,4	-5,2	-6,3	-2,6	0,1
Luxemburgo	-26,2	-25,5	-5,7	-11,4	-5,3	-6,6	-2,6	-2,8
Holanda	-21,1	-19,5	-10,4	x	-6,7	-6,8	-5,3	x
Polónia	-19,7	-19,4	-9,9	-10,5	-1,9	-2,8	-0,5	-0,5
Portugal	-13,6	-17,0	-11,7	-8,7	-1,7	-3,0	-1,7	-2,5
Reino Unido	-22,9	-25,4	-10,0	-15,1	-9,5	-11,3	-8,5	-5,8

Fonte: Eurostat

Resultados apurados no 1.º e 2.º trimestres de 2016 apontam para uma redução de preços à produção de leite de vaca (IPP).

Figura 53 >> Taxas de variação homóloga do IHPC - Leite, queijo e ovos (2016)

	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	1.º semestre
	%							
UE 28	**-2,6**	**-2,4**	**-2,5**	**-2,6**	**-2,8**	**-2,6**	**-2,0**	**-2,6**
Bélgica	0,7	1,1	1,3	2,1	2,2	2,0	1,8	1,6
Dinamarca	-6,3	-3,9	-5,6	-5,0	-3,5	-4,4	-3,4	-4,8
Alemanha	-3,1	-2,6	-2,2	-2,8	-4,4	-5,3	-4,7	-3,4
Irlanda	-1,8	-1,9	-1,1	-1,0	-1,5	-1,7	-1,1	-1,5
Grécia	-0,2	-0,4	-0,9	-1,9	-1,0	-2,1	-2,1	-1,1
França	-0,7	-0,7	-0,5	-0,6	-0,9	-0,8	-0,7	-0,7
Itália	-0,6	-0,7	-0,7	-0,8	-0,7	-0,8	-0,7	-0,7
Luxemburgo	-0,7	-0,9	-0,9	0,0	0,5	0,9	0,4	-0,2
Holanda	-2,2	-2,2	-3,0	-2,7	-2,4	-1,7	-3,4	-2,4
Polónia	-3,3	-3,2	-3,3	-3,5	-3,1	-2,8	-2,5	-3,2
Portugal	-3,9	-4,4	-3,4	-3,4	-3,4	-2,3	-1,4	-3,5
Reino Unido	-4,4	-3,0	-4,2	-4,8	-4,0	-6,1	-2,0	-4,4

Fonte: Eurostat

No que diz respeito ao IPC, a amplitude das variações é inferior, em módulo, às variações do IPP.

A política da UE de apoio à atividade

Em 2016 foi prorrogado o regime de intervenção pública para o leite em pó desnatado e manteiga e foram implementadas novas medidas pela UE, nomeadamente de incentivo à redução da produção (pacote de 150 milhões de euros para a UE27) e de ajudas ao ajustamento condicional à atividade (pacote de 350 milhões de euros para a UE27).

Em síntese, no 1.º semestre, a UE produziu mais leite que no mesmo período dos anos precedentes. Esse leite extra proveio de apenas alguns países (grandes produtores), registando-se uma diminuição do volume de recolha de leite entregue em países como Portugal com menor dimensão em termos produtivos e com provável maior apetência para se candidatarem ao recente pacote de ajudas da UE.

>> 10. Conceitos

Atividade Económica

Resultado da combinação dos fatores produtivos (mão-de-obra, matérias-primas, equipamento, etc.), com vista à produção de bens e serviços. Independentemente dos fatores produtivos que integram o bem ou serviço produzido, toda a atividade pressupõe, em termos genéricos, uma entrada de produtos (bens ou serviços), um processo de incorporação de valor acrescentado e uma saída (bens ou serviços).

Cabeça Normal (CN)

Medida pecuária que relaciona os efetivos, convertidos em cabeças normais, em função das espécies e das idades, através de uma tabela de conversão, e, em que, um animal adulto da espécie bovina corresponde a 1 CN.

Consumo humano

Emprego que corresponde às quantidades de produtos consumidos pela população residente, quer sob a forma de produto primário, consumido nesse estado, quer sob a forma de produto industrializado, convertido a primário, durante o período de referência.

Dimensão Económica (DE)

É definida com base no VPPT da exploração, sendo expressa em euros.

Entrega de leite

Qualquer entrega de leite, excluindo outros produtos lácteos, efetuada por um produtor a um comprador, independentemente do facto de o transporte ser assegurado pelo produtor, pelo comprador, por um empresa de tratamento ou transformação destes produtos ou por terceiros.

Excedente bruto de exploração (EBE)

Corresponde à diferença entre, por um lado, o valor acrescentado bruto e por outro, os gastos com o pessoal e os impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Sintetiza a totalidade do valor afeto à remuneração do fator capital.

Formação bruta de capital fixo (FBCF)

Corresponde às aquisições líquidas de cessões de ativos fixos durante o período. Os ativos fixos são ativos fixos tangíveis ou intangíveis resultantes de processos de produção, que são por sua vez utilizados, de forma repetida ou continuada, no processo produtivo por um período superior a um ano.

Grau de autoaprovisionamento

Coeficiente, traduzido em percentagem, dado pela razão entre a produção interna (exclusivamente obtida a partir de matérias-primas nacionais) e a utilização interna total; mede, para um dado produto o grau de dependência de um território, relativamente ao exterior (necessidade de importação) ou a sua capacidade de exportação.

Índice de Preços no Consumidor

O Índice de Preços no Consumidor (IPC) mede a evolução temporal dos preços de um conjunto de bens e serviços representativos da estrutura de despesa de consumo da população residente em Portugal. É importante ter presente que o IPC não é um indicador do nível de preços mas antes um indicador da respetiva variação.

Orientação Técnico-Económica (OTE) de uma exploração

Determina-se, avaliando a contribuição de cada atividade para a soma do VPPT dessa exploração, podendo distinguir-se duas fases:

1ª Fase: Calcula-se o VPPT pela valorização das superfícies das culturas agrícolas e dos efetivos animais da exploração, a partir das VPP estabelecidas regionalmente para as diferentes produções vegetais e animais.

2ª Fase: Afeta-se a exploração a uma classe de OTE, em função do peso relativo do contributo, em valor, de cada produção vegetal ou animal para o VPPT.

Peso dos gastos com o pessoal no VABpm

Corresponde ao quociente entre o total dos gastos com o pessoal e o VAB a preços de mercado, e indica a parte do valor criado que se destina a remunerar o fator trabalho. (gastos com pessoal/VABpm*100).

Pessoal ao serviço

Indivíduos que no período de referência, participaram na atividade da empresa/instituição, qualquer que tenha sido a duração dessa participação, nas seguintes condições: a) pessoal ligado à empresa/ instituição por um contrato de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração; b) pessoal ligado à empresa/instituição, que por não estar vinculado por um contrato de trabalho, não recebe uma remuneração regular pelo tempo trabalhado ou trabalho fornecido (p. ex.: proprietários-gerentes, familiares não remunerados, membros ativos de cooperativas); c) pessoal com vínculo a outras empresas/instituições que trabalharam na empresa/instituição sendo por esta diretamente remunerados; (d) pessoas nas condições das alíneas anteriores, temporariamente ausentes por um período igual ou inferior a um mês por férias, conflito de trabalho, formação profissional, assim como por doença e acidente de trabalho. Não são consideradas como pessoal ao serviço as pessoas que: i) se encontram nas condições descritas nas alíneas a), b), e c) e estejam temporariamente ausentes por um período superior a um mês; ii) os trabalhadores com vínculo à empresa/instituição deslocados para outras empresas/instituições, sendo nessas diretamente remunerados; iii) os trabalhadores a trabalhar na empresa/instituição e cuja remuneração é suportada por outras empresas/ instituições (p. ex.: trabalhadores temporários); iv) os trabalhadores independentes (p. ex.: prestadores de serviços, também designados por “recibos verdes”).

PRODUÇÃO DE LEITE = LEITE RECOLHIDO + LEITE PARA AUTOCONSUMO NA EXPLORAÇÃO + LEITE PARA ALIMENTAÇÃO ANIMAL + LEITE DE VENDAS DIRETAS

Produtividade aparente do trabalho

Representa a contribuição do fator trabalho utilizado pela empresa, medida pelo VAB gerado por cada unidade de pessoal ao serviço. (VABcf pessoal ao serviço/gastos com pessoal*pessoal remunerado/pessoal ao serviço*100).

Taxa de investimento

Representa o peso da Formação Bruta de Capital Fixo em relação ao Valor Acrescentado Bruto (formação bruta de capital fixo/VAB cf *100).

UE10

O agregado de 10 Estados Membros da União Europeia inclui Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Grécia, Holanda, Luxemburgo, Irlanda, Itália e Reino Unido.

Valor de Produção Padrão (VPP)

É o valor monetário médio da produção agrícola numa dada região, obtido a partir dos preços de venda à porta da exploração. É expresso em euros por hectare ou cabeça de gado, conforme o sistema de produção, e corresponde à valorização mais frequente que as diferentes produções agrícolas têm em determinada região. O período de referência dos dados de base dos VPP cobriu o quinquénio 2008 a 2012.

Volume de negócios (VVN)

Valor líquido das vendas e prestações de serviços respeitantes às atividades normais da empresa, após as reduções em vendas e não incluindo nem o imposto sobre o valor acrescentado nem outros impostos diretamente relacionados com as vendas e prestações de serviços. Corresponde ao somatório das contas 71 e 72 do Sistema de Normalização Contabilística (SNC).